

Comitia

THE YEAR BOOK OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



A portrait of General Sherman, with which the year book is dedicated. It is a reproduction of the portrait in the gallery of the National Academy of Art, New York.

JANUARY — APRIL 1946

CRJ 2.50

AND II — N. 2

CARTA ABERTA

(Em resposta a uma crítica que recebemos pessoalmente)

Foi um caso estranhamente singular o que se verificou entre nós e um cidadão que nos veio, pessoalmente, fazer uma crítica, que foi mais um ataque às nossas atitudes e às de um membro do nosso Conselho de Orientação do que, propriamente, uma censura crítica.

Ela, entretanto, não perturbou nossa serenidade, porque o nosso empenhamento que até então tem sido a — e nisso não vai nenhuma validade — dos mais elevados encontros, partidos de pessoas de reconhecido mérito moral e intelectual, e que vem sendo para os seus fundadores o melhor estímulo e a melhor recompensa, já criou entre nós uma espécie de imunidade contra toda e qualquer insubordinação de maquiagem.

A atitude de nosso prezado adversário, ao invés de incomodar-nos, alegrou-nos bastante. E a satisfação que tivemos é bem justificável, porque toda obra que surge, por mais tímida ou arrojada que seja, quando começa a receber as primeiras críticas (e isso é universalmente conhecido) é porque tem, em verdade, algum valor e já vai criando vulto. Já é tridimensional, também, o conceito que se refere à eternidade desses críticos, afirmando que eles passam, insignificantes, e que as ideias vivas se é que tem algum mérito, continuam despreocupada e gloriosamente.

Esperamos, pois, que assim também aconteça com nossa REVISTA, órgão que resume as aspirações comuns de nossa sociedade, e que é fruto de trabalho honesto e desprezados.

A nossa juventude, firme na intenção de suas idealizações, jamais poderá assistir, indiferente, a atitudes incompatíveis com suas aspirações puras e enobrecedoras que lhe enchem de força e de tenacidade, na luta pela concretização de seus ideais. E desconhecemos força suficiente que possa desmortejar em seu nascedouro, que é a nossa alma, uma sequer de nossas idealizações.

Temos com a nossa consciência e com a nossa dignidade um dever sagrado. E esse dever que conhecemos, cioso da responsabilidade que nos cabe, jamais poderá ser perturbado com acusações ignominiosas. Mas, deixem-nos expressar assim, a liberdade de pensamento e de defesa já é um fato incontestável em nossa Pátria, e nós não nos podemos deixar furiosos ao prazer da resposta.

A essa altura, devemos acrescentar que não incluímos estampado em letras garruladas o nome do cidadão que tão desastrosamente extorreu os seus sentimentos, porque desejamos fazer crítica construtiva, combatendo ideias e não homens.

Analisemos a questão: fomos severamente censurados, nós e o membro do nosso Conselho de Orientação, pelo simples fato de termos feito, entre colegas e amigos que estavam dispostos, de qualquer maneira, a auxiliá-los, uma rifa, a fim de que o dinheiro pudesse reverter em benefício de nossa infantaria.

Não agiu o senhor com lealdade e muito menos com honestidade. A importância de uma iniciativa, mister-se torna a dizer, não se mede por linhas particulares, e sim pela poderosa resultante de milhares forças que, convergindo para um determinado sentido, tem a significação de fatores. E nenhuma sequer dessas forças, até hoje, trouxe para nós motivo de arrependimento ou de vergonha. Ao contrário, sentimos um orgulho forte que brota entusiasmadamente de nossos corações, porque temos a felicidade de compreender e sentir

a espontaneidade do gesto de um professor, que pelos prestígioes serviços que vem prestando à nossa sociedade, paladino que é da juventude e dos princípios saudos de democracia e liberdade, já tem um lugar reservado no coração dos jovens brasileiros. E também não reconhecemos autoridade suficiente, em qualquer, para criticar, criticamente, apenas uma de suas atitudes, porque a ninguém assiste o direito de denegrir a vida de homens, cuja conduta retilinha é o maior exemplo que pode dar a seus discípulos.

Não nos interessam julgamentos suspensos, como nenhuma questão fazemos por elogios fáceis, de sentimentos. O que realmente aconteceu, contudo, foi uma interpretação incorreta do procedimento de um professor que, em seu sincero desejo de auxiliar-nos, se esqueceu que não estava num ambiente inteiramente propício e julgou que todas as coisas, tivessem espírito liberal e democrático.

A sua intenção e os seus propósitos, porém, foram os melhores que se poderiam esperar, e isso desacreditou a infirmitade feita pelo senhor de que ele procurava introduzir-nos no jogo, quando em verdade, colaborava conosco e nos incentivava.

O seu gesto humano, jamais poderia ser suscetível de crítica porque, no sábio conceito de Spinoza, devemos antes de criticar as grandes almas, procurarmos entendê-las. E se assim fosse, o senhor, como nós, haveria de sentir e admirar a sinceridade do mestre que sempre se procurou borrar na proibição para forjar os caracteres de seus discípulos, e que nunca mediu despesas para animar iniciativas promissoras.

O nosso procedimento, prezado senhor, explica-se facilmente porque na consciência de nossa sociedade, idealista e empreendedora, se espelham seus objetivos só procura cultura e amor da Pátria. Na hora de sua crítica, o senhor esqueceu-se de que fazemos realzar, também, para fins econômicos, sessões cinematográficas com filmes científicos, para melhor criticar os nossos conhecimentos.

A parte que diz respeito à introdução de política em nossa REVISTA, recusamos categoricamente, não só porque já criamos uma seção de sociologia e porque temos um Conselho de Orientação a quem devemos consultar nas horas necessárias, mas porque julgamos a sua ideia (e não val um entendedor) indócrito.

Não! O mestre a quem o senhor chamou de mau educador jamais nos daria semelhante conselho. Ele sabe perfeitamente que a nossa juventude não deve errar na conta de um certo agiotizante, quando seu lugar é na plateia, apreciando a insensatez de homens que, levados por seus ambígios, desprezaram os mais rudimentares postulados políticos. Mesmo porque a nossa política é muito diferente dessa que se vem processando, pois não visa a nenhum interesse pessoal, nem se cose às paredes da mediocridade, por isso que tomamos em mira apenas preservar o nosso passado de máculas, lutando pela reestruturação de um país livre, forte e, sobretudo, culto.

Se algum dia for necessário, caro senhor, explicar uma por uma de nossas atitudes, provaremos que nunca fizemos algo desleal, ou indecoroso, como nunca agimos subteraneamente.

A LINGUA NACIONAL

Professor CÍLOVIS MONTEIRO

II

O interesse pelo estudo dos dialetos começou na Alemanha, já no século XIX, em pleno florescimento do Romantismo. Despertou-o e estimulou-o, sem dúvida, a importância assumida pela poesia popular, uma das fontes naturais de inspiração que Herder já indicara a Goethe, em 1770, quando procurava destruir, nas memórias de suas palestras de Estrasburgo, segundo idioma Biese, a concepção clássica de Arte daquele que revolucionaria mais tarde o espírito literário da Europa. (1)

Em 1812 já soava a voz de Jacob Grimm, prestigiando os idiomas do povo. "Seria de desejar — dizia — que ainda o dialeto menos estimado pudesse desenvolver-se espontânea e livremente, sem sofrer nenhuma violência". (2)

A tendência medievalista, acentuada na literatura alemã desde o movimento conhecido por Sturm und Drang, emprestara valor e dera relevo aos textos poéticos da idade média, que o renascimento fizera desprezar e esquecer.

Ressurgiram assim, através de seus documentos mais expressivos, os antigos dialetos germânicos e românicos, em que singularmente se haviam cantado o amor e a bravura dos cavaleiros, e que tão diferentes e tão longe se achavam das línguas cultas formadas pelo Classicismo moderno.

Velhas canções populares de toda parte, inclusive portuguesas e espanholas, eram publicadas no original, imitadas e às vezes traduzidas.

Já então não se podiam admitir, em gramática, os processos racionalistas de Port-Royal. Descoberto e sânscrito, vislumbrava-se o parentesco das línguas que constituem o grupo indo-europeu. Não tardaria que Bopp aparecesse com a sua gramática comparada, e Diez com a sua gramática das línguas românicas, e que outros estudiosos se aprofundassem nas hipóteses da origem e evolução da linguagem.

No que diz respeito à dialetologia, ficaram as pesquisas admiráveis, por muito tempo, aos domínios germânicos.

Em livro recente e notável, nega Adolfo Bach a Grimm e confere a Schmeller o título de fundador da pesquisa dialetal científica na Alemanha.

Referindo-se à obra, que considero prioritária.

ma, de Schmeller, sobre os dialetos da Baviera, aparecida em 1821, salienta ter sido ele "quem primeiro estabeleceu a ligação sistemática entre a língua popular da presente e a língua das épocas dantes antes flores, tendo feito para isso da interrelação genuinamente histórica de evolução linguística a base das suas investigações". (3)

Fôra reconhecer, todavia, que a Grimm coube o papel de destravar terreno para o progresso da linguística germânica, aplicando o método comparativo ao estudo geral da sua língua. Além disso, foi também com o prestígio de seu nome e com a projeção de sua obra que se impôs a Alemanha fora de suas fronteiras, como iniciadora e mestra da nova ciência.

Até 1870, ano em que José de Alencar juntou à segunda edição da *Incarnação*, os seus conceitos sobre a língua portuguesa no Brasil, em resposta a críticos de sua obra, foi a linguística, tanto na Europa como na América, alargando o campo de pesquisas, sempre sob influência da ideia de evolução, triunfante nas ciências naturais.

Em 1875, porém, ainda era lido a Whitney, eminente linguista norte-americano, lembrar que os dialetos se limitassem à observação dos fatos, e não tivessem doutrina...

Depois de 1875 é que surgem os neogramáticos, a quem se deve a aproximação mais íntima da linguística com a ciência, verificado, como estava, que a evolução das línguas depende de causas fisiológicas e psicológicas.

Datam daí os estudos científicos de fonética e morfologia histórica, sintaxe, psicologia e filosofia da linguagem, no campo principalmente das línguas indo-europeias, tanto antigas como modernas.

Passara a época de Bopp. Com ele iam ficando também Max Müller e Sayce, que tinha atrido para a Inglaterra, durante décadas anos, a atenção dos estudiosos. Teorias inconsistentes, como fôra a das três fases — a aglutinativa, flexiva e analítica — já não observavam os espíritos mais esclarecidos, levando-os a devaniosos e conjecturas estérteis.

Em 1892, em prefácio à terceira edição

(Continua na página seguinte)

Conclue ao lado

mapa 34

Janetiro - Abril, 1946

O ESPETÁCULO DA NATUREZA

Por Aldemar Pereira Torres

O homem moderno, o habitante das grandes e movimentadas cidades do século XX, não divisa outro horizonte além do das gigantescas paredes dos arranha-céus que se erguem à sua volta. Depois de um exaustivo dia de trabalho encarado no seu escritório já das alturas ele chega a sua casa, faz a sua refeição e põe-se a ouvir o rádio ou ler o seu jornal. Tudo isto durante dias e dias consecutivos, dentro de uma fastidiosa e monótona rotina que não tarda a lhe abalar os nervos deprimidos. As suas distrações são quase sempre as mesmas: cinema, teatro...

Enfim, o destino do nosso homem do século XX é viver enclausurado, absorvido totalmente pelos negócios, pelas questões referentes à sua vida doméstica etc. etc. Na sua corrida vertiginosa pela manutenção da vida não tem ele tempo de sentir a própria vida, de sentir a beleza e a magnificência da Criação, palpando em torno de si, no perfume de uma flor ou no azul do oceano, na suave placidez de um poente ou no brilho de uma estrela. Sem divida, o homem de algumas dezenas de séculos atrás, com o seu espírito contemplativo e mistico, sabia apreciar melhor o seu mundo, divinizando tudo que a natureza lhe apresentava de sobebo e impenetrável. Podemos mesmo imaginar o êxtase do pastor arábigo ao contemplar, das trevas profundas de uma vasta e calma planície, a contempção esta em que ele vislumbrava reverente a própria imagem do Criador. Recordemos, a propósito, as palavras de Davi:

"Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste, que és o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem para que o vislumbres?" (Salmos, 8 - 3, 4). E foi assim que se expressou Job apoteoticamente: "Ele é o que faz coisas grandes, que se não podem esquivar, e maravilhas tais que se não podem contar" (Job, 9 - 10). E após exaltar o poder de Deus assim termina: "Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos; e quão pouca é o que temos ouvido de ti! Quem pois entenderia o trovão do seu poder?" (Job, 26 - 14).

Intemos, pois, o salmista biblico: em polgemo-nos com a Natureza e admittemos-lhe o magnifico espectáculo. Contemplando, por exemplo, o belo e conspico Orion, e recordando as lendas e as proezas dos deuses mitológicos, que a imaginação impregnada de misticismo dos antigos criou e eternizou nesta bela constelação, sentimo-nos transportados, através do tempo e do espaço, ás remotas paragens da antiga Grécia e portulparamos do doce e misterioso ambiente que a contemplação do firmamento proporcionava nos horizontes daquele maravilhoso país. E esta agradável sensação de repouso espiritual, que a calma escuridão de uma noite pontilhada de estrelas nos comunica, é verdadeiramente reconfortante para o homem de hoje, e muito do que qualquer culto, faz-lhe sentir a sublimidade da existência, pois "os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento atesta a obra da Criação".

A Linguagem Nacional

do seu livro *The Principles of Comparative Philology*, dá conta Sayce do que ocorreu após a segunda edição, saída em 1875; houvera, segundo elle, "uma revolução na filologia comparativa das linguas indo-europeias".

Os primeiros factos assinalados pelo filologo inglês foram o de ter sido o sânscrito destronado do lugar que occupava de representante especial da familia indo-europeia, e o de ter reconhecido "que os sams e for-mas primitivos, em geral, se haviam conservado mais fielmente nas linguas da Europa do que nas da India".

Lembrei do preço de Sayce apenas aquilo que, a meu ver, poderá servir de aviso aos que se consagram ao estudo da evolução dos idiomas europeus transplantados para a América.

Os fenómenos da linguagem são muito complexos, e nem sempre, na sua apreciação, o mais certo é o que parece mais logico.

Desde os neo-grammaticos, que foram logo veementemente combatidos pela sua

ciencia na infalibilidade das leis fonéticas, até os nossos dias, tem sido consideravel o avanço dos estudos linguisticos, sobretudo pelas investigações realizadas nas linguas vivas.

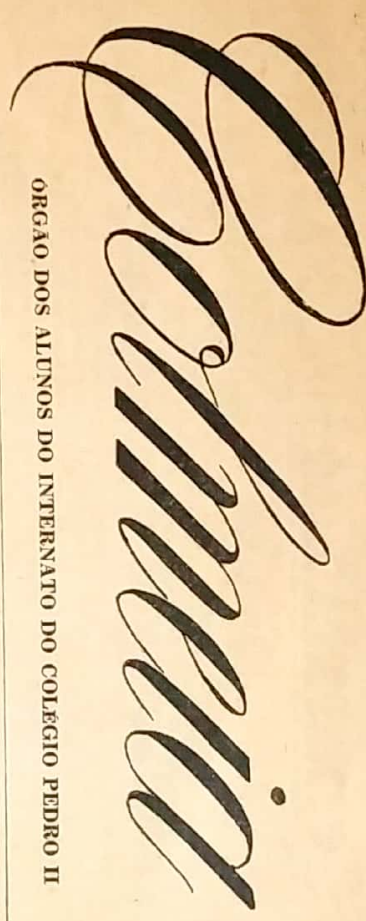
Os estudos de semantico, primeiro na França, com Bréal, e depois na Alemanha, des-cortinaram aos pesquisadores regiões da linguagem ainda não devassadas.

Da diacritologica, a que deram impulso, em 1870, os trabalhos de Cornu e Ascoli, e que nasceu da fonética, derivou a geografia linguística, quando se pretendia demonstrar pelos dialetos não haver excepção nas leis de evolução dos sons.

A elaboração do *Atlas Linguístico Alemão*, iniciado por Wenker antes de 1880, foi cedo interrompida, em face das surpresas que se depararam ao pesquisador, que ja-tou improvavelmente para provar o dogma imposto pelos neo-grammaticos. Somente em 1908 foram continuados os trabalhos, desta vez a cargo de Wrede, começando-se final-

(Conclue na página 11)

COLMEIA



ORGÃO DOS ALUNOS DO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II

DE JANEIRO A ABRIL DE 1946 ★ ANO II — N.º 2

COLMEIA

Ciência - Literatura e Arte

Director responsável: PROF. JOSÉ CURVELLO DE MENDONÇA

Diretores: * Lodegario A. de Azevedo Filho e Jarro Dias de Carvalho

Secretário: * Robinson Gil

Geneal: * Jayme Avalunsi

Conselho de Orientação: * Profs. Quilino do Vale, Clóvis Monteiro, Godofredo Ferreira de Souza, Edgard Lieger Behari, Porina Cavalcanti e Benaventura Ribeiro da Cunha

REDAÇÃO: * Campo de S. Cristóvão, 177 Pone 28-0187 ou 48-8083 Registrada no D. N. I. sob o n.º 35.246

Composta e impressa nas Oficinas Gráficas do "Journal do Brasil".

SAUDAÇÃO AOS ANOS DE 1945 E 1946

Ano de 1945! Foste um ano cheio de surpresas e novidades. Trouxeste em teus 365 dias um numero quase semelhante de acontecimentos novos, idéias enobrecedoras.

Quando, das primeiras horas de teu aparecimento, todos te festejaram alegremente, ninguém poderia imaginar que haverias de retribuir tudo isto! E de que maneira, retribuíste!

Ninguém poderia conhecer o seu numero de novidades e noticias, abissariteras que trouxeste! Foste um ano diferente de todos os outros porque contigo veio a paz e a tranquilidade para o mundo. Foram poucos os dias que os inimigos da liberdade e da justiça foram punidos severamente. Transformaste a angustia do mundo inteiro em alegria. Mas foi no teu decurso, ano maravilhoso, que o maior deus dos principios sodos de liberdade — Franklin Delano Roosevelt — faleceu. De todo modo porém, entre enternecimentos e lagrimas ou entre reveltas e emporos, foste um ano diferente dos outros, porque em teu seio revolvias a justiça de Deus.

Agora as igrejas podem repicar os sinos, os foguetes cortar o espaço; o som alegre dos tamborins, e surto dos tambores, descer do morro trazendo alegria, porque uma rajada saudavel de contentamento corre pelo mundo!

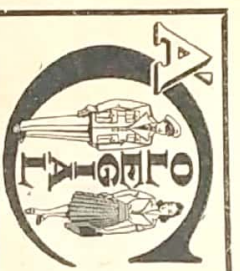
Os últimos inimigos dos direitos da comunidade deusaram as armas. Todos os países nibraram de contentamento, e uma bandeira branca estender-se-á sobre eles.

O que nos resta agora é esperar o outro ano. Terá ele também a ventura de ser tão prodigioso como tu? A resposta perde-se nos contornos dos homens...

Em todo caso, ano de 1946, é com ansiedade que te esperamos. Tornar-se mister lembrar-te de que sucedes a um ano feliz, repleto de venturas, e que deversas ser também, assim como ele, feliz e inolvidavel.

Sol que iluminaste o ano que termina, deves também ser lembrado, porque foi sob tua luz forte que os soldados brasileiros vestiram o torção natal.

A humanidade não deve, nem, pode obumbrar os horizontes limpidos que se lhe pediam. Vivem a liberdade e a democracia!



À Colegial a maior casa de uniformes e encomendas para todos os colégios.

Secção especializada em roupas para montaria.

LARGO DE SÃO FRANCISCO 38-40

POSTA RESTANTE

Um fato que vem atestar a crescente popularidade do professor Quintino do Valle é o que succedeu, quando na vinda do primeiro numero de "Colmeia", dezenas de colegas adquiriram nossa revista, somente por terem visto o retrato do estimado mestre. Assim, "ahnda que patrega Incheivel", o melhor vendedor que poderíamos ter encontrado foi o Dr. Quinhão do Valle.

Um fato que veio trazer grande pesar dos amigos do prof. Niel Casses, foi o falecimento de seu pai, o admirado poeta Attila Aquino Casses. O illustre falecido era pessoa de grande relevo em nossas letras, principalmente no Rio Grande do Sul, onde era conhecido pelo pseudônimo de Juva Ruivo, poeta regional de indiscutível mérito.

A convite do Ministério da Guerra, os estudantes cariocas visitaram demoradamente a Escola de Recense, voltando impressionados pela magnífica organização desse insuperável educandato militar. A visita transcorreu num ambiente de cordialidade admirável entre os cadetes e os estudantes do Rio, tornando-se patente, assim, que entre a mocidade não há fronteiras.

Foi promovida, no Externato Fluminense, em Nova Iguaçu, expressiva solenidade em homenagem ao dia da proclamação da República. Agradecemos o convite que nos fez o diretor, Kamel Magluf, e aplaudimos a bela organização, assim como seu sentimento patriótico, tão claramente demonstrado.

A direção de "COLMEIA" torna público o seu agradecimento a todas as pessoas que lhe dirigiram palavras de aplausos e de apoio, por ocasião do aparecimento do primeiro numero desta revista.

Fato que vem ainda mais realçar as virtudes do insigne mestre Curvelo de Mendonça, comprovando sua invencível modestia, foi o que succedeu conosco, quando casualmente lhe mostramos o pequeno trabalho em que tentamos seu esforço biográfico. Embora reconhecendo a espontaneidade daquelas linhas, nosso diretor responsável lançou um processo fulminante ao que tínhamos escrito. Entretanto, inconvenientes por natureza, não nos furtamos ao prazer de tornar publico algumas passagens da vida do estimado mestre, cuja modestia muito prejudica a merecida admiração que desfruta entre a classe estudantil.

NOSSA CAPA

Em nosso Colegão há artistas verdadeiramente notáveis não só por seu engenho, mas por sua ex-trozofidria modesta. A nossa Revista, contuando a sua ininterrupta marcha de presidiar aqueles que realmente merecem, como fez com o senhor Anjelo Salles Lopes, foi procurar, no aconchego

do seu recolhimento, o nosso prezado colega, Ivon Washington, para que ele, dando mais uma prova de seu talento, desenhasse o retrato de D. Pedro II, que se encontra no salão nobre do nosso Colegão, e que vem ilustrando a nossa capa.

Ivon Washington conseguiu, com sua obra de arte, como todos reconhecemos, mais uma vitória, e mais uma produção que veio enriquecer a sua maravilhosa coleção. Só nos preocupa agora ganhar conteúdo-lá de que deve fazer uma exposição de seus trabalhos.

Devemos acrescentar que o retrato de Pedro II foi passado a nanquim pela mão, também artística de nosso colega José Duval, outra personalidade que se impôs à admiração de seus colegas pela sua arte e sua modestia; ele também será indizado por nos a apresentar os seus trabalhos numa exposição.

NOTÍCIAS LITERARIAS

O professor Clóvis Monteiro, conhecido mestre de português e literato admirado em todo o País, prepara, presentemente, um livro que servirá aos numerosos alunos do 3º ano colegial.

Fruito de longa experiência e vazada em mol-des intelectualmente originais, visa essa obra preencher grave lacuna, tornando acessível a todos as mais diversas questões da literatura verdadeira, de maneira concisa e didática.

O referido livro sairá breve, a fim de que possa ser utilizado, ainda este ano, pelos alunos dos cursos Clássico e Científico.

Felicitando o Grande mestre por mais essa contribuição ao ensino nacional, fazemos votos que a esta se sucedam outras obras que terão, certamente, a mais simpática acolhida, por parte dos professores da matéria, mas, principalmente, entre a classe estudantil, classe que tanto deve a Clóvis Monteiro por seus dotes de bondade e de cultura.

GINÁSIO LEOPOLDO DIPLOMANDO DE 45

Realizaram-se, no mês de Janeiro, as solenidades de formatura dos alunos dos cursos: Básico, Ginasial e Contador do Ginásio Leopoldo, no Município de Iguaçu.

Na cerimônia de colação de grau participaram os seguintes oradores das turmas supracitadas: Waldemiro F. Pereira, dirigido, com vibrantes palavras, a saudação de despedida dos alunos do Curso Contador; Nidia R. Mascarenhas que fez um belo discurso, ora repassado de ternura, ora estuante de entusiasmo, representando o Curso Básico; e o aluno Osiris Neves que, numa magnífica peça oratória, grangou a simpatia do auditório, satisfazendo assim a incumbência que lhe deram de interpretar da 4ª série do Curso Ginasial.

A sessão cívica, pôsto que um pouco demorada, foi uma das mais expressivas a que já tivemos oportunidade de assistir. Foram parâmetros os professores: Leopoldo Machado José Filgueiras e Newton de Barros. Por motivo de doença o antigo diretor, Leopoldo (Conclue na página 15)

COLMEIA

BRASIL! Aqui em Pistóia está o teu sangue

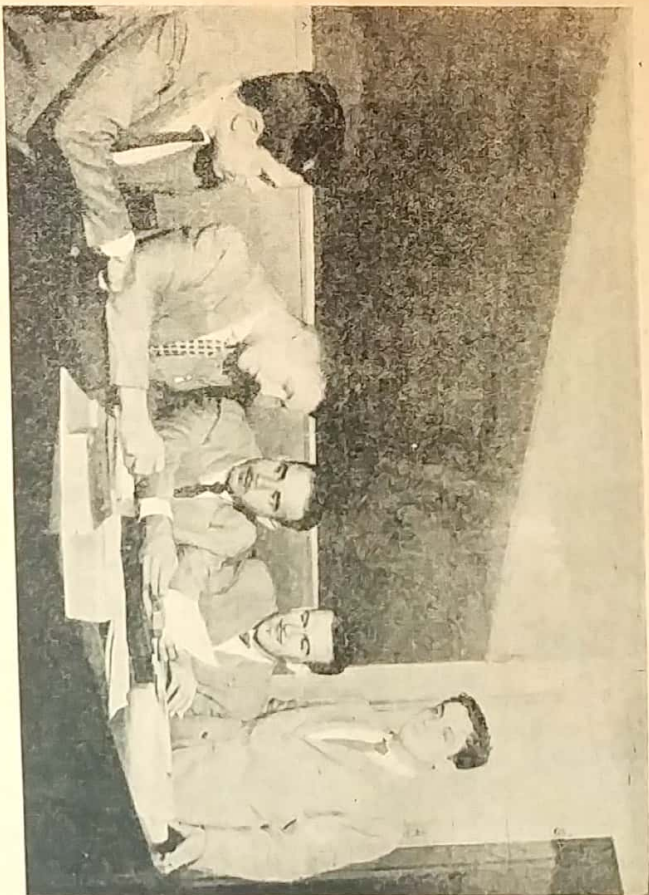
Crônica de Leodegário A. de Azevêdo Filho

Os expedicionários chegaram vitoriosos à nossa Pátria, após a luta crua entre os soldados da democracia e os nazi-fascistas inimigos dos direitos políticos da comunidade.

A carinhosa e expressiva acolhida com que o povo os recebeu foi bem merecedora. Mas os dias passaram; os heróis dispuseram-se no seio da sociedade; os episódios inesquecíveis, como o de

tantos nos exemplos que a História nos proporciona em suas páginas enodadas de sangue. Parece ao mesmo tempo o cérebro doentio de certos povos senile e algum delirante nos episódios trágicos do passado e quer satirizar a sua curiosidade mórbida, promovendo distúrbios internacionais e levando à necatombes nações civilizadas.

Não se ignora, também, os interesses mesqui-



Em nossa Redação: da esquerda para a direita o redator Tarezo Barroso; Leodegário A. de Azevêdo Filho; o entrevistado e os relatores Oldemar Ferreira e Expedito Quintas.

Monte Gasardo, e a lembrança da terra onde pugnam heróicamente, são, uma vez ou outra, lembrados.

Somente os lares, que ainda hoje esperam a volta de seus filhos, choram de tristeza. Mas, felizmente, embora com sacrifício de muitas vidas, a guerra terminou. Resta-nos saber apenas se a humanidade respicará as lágrimas doloridas que embeberam os lenços, seguros por mãos trêmulas, de muitas mães que, no invés de receberem nos braços o filho querido, veio, vacilante, abrir a porta ao embaixador que lhe trouxe a notícia da morte — ou antes assassínio — do ente mais querido de sua vida. Esse, porém, é apenas um pequenino episódio que figura sempre nas odisséias sangrentas das guerras. Os outros, são por demais conhecidos e poderemos nos abster de enuncia-los. O erro impudável repete-se através dos séculos, não obs-

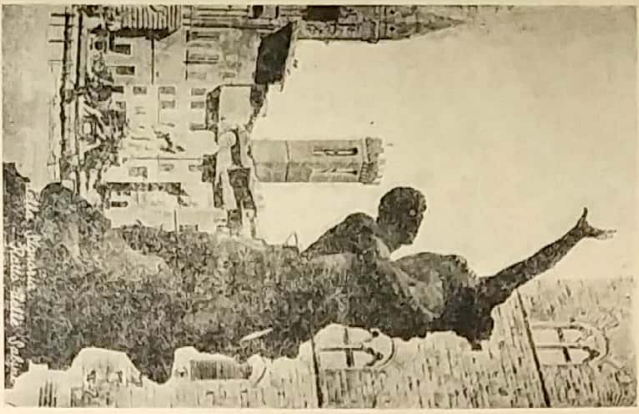
nhos e a ambição de conquista daqueles que se esquecem que todos somos iguais perante Deus.

Se esses caudilhos pudessem compreender e sentir as conveniências que se originam da paz, todos saberiam respeitar os mais rudimentares princípios de moral e civil. Mas a ambição destrói os sentimentos puros no coração dos homens. A crença que hoje, angustiosamente, recebe os carinhos paternos, amanhã, se for mal orientada e corrompida pelos vícios, pode-se tornar a história, com sua infamante miserias. E assim, a história, com sua humana utilidade, ante a verdade trágica das guerras que se repetem através dos séculos.

A culpa de tudo isso, provavelmente, ainda não foi esclarecida. Ela deve reposar, com certeza, na maneira incorreta de educar e instruir as ge-

nações novas, para que elas não cometam os erros do passado. Bertrand Russell, filósofo emérito, mostrou-nos claramente a causa que produz as lamentáveis efêmeras. Vejamos o seu pensamento: "Deveria ser ensinada a história das nações, e a história da cultura antes que a história das guerras. Em todo caso, o ensino desta não deveria consistir na exaltação da vitória, nem das façanhas, mas, sim, na contemplação trágica dos campos de batalha, na visão das regiões devastadas, no exodo dos povos, na condenação das crueldades e injustiças que a guerra encarna, como nenhuma outra oportunidade.

O sentimento de fraternidade, a nosso ver, deveria sobrepujar qualquer outro sentimento. Mas



Uma das mais belas estátuas de Florença.

a realidade é bem outra: em nossos dias esta palavra, "a mais fecunda do vocabulário", só poderia existir realmente quando as grandes inteligências tiverem força capaz de influenciar e modificar as mentalidades retrogradadas que, infelizmente, predominam no mundo moderno.

Mas não nos compete a nós, geração nova, encarar com pessimismo o futuro. Sendo a época de reconstrução, tratemos de reconstruir. Talvez a posteridade saiba dar mais atenção aos exemplos infalíveis do passado, se todos observarem e sentirem a fecundidade do pensamento de Bertrand Russell.

As palavras que ficaram acima representam mais um apelo do que propriamente uma introdução e crítica que nos propomos escrever. De qualquer maneira, elas aí estão, e agora, satisfaci-

tos por termos exteriorizado os nossos sentimentos, podemos, com tranquilidade, tratar do assunto que, embora delicado, nos serviu de propósito por nos parecerem illi nos letiores.

Agora que todos se requeijam com a paz e que os expedicionários respirem, novamente, a natureza apreciável da família, achou interessante a nossa reportagem surpreendidos, neste ambiente calmo, entre as carícias dos filhos e o carinho meigo da esposa ou entre os desvelos paternais e a administração sereca dos amigos.

Não foram necessários, para isso, grandes esforços. O nosso Colégio, nunca recuando à Patria, seu contributo de honestidade, integridade, mandou também para os campos de batalha jovens que tombaram deturcando os ideais dos povos livres, e outros que, lutando pela mesma causa, tiveram a felicidade de regressar com vida.

Aos que ficaram nas terras de Pistoia, já pres-tamos carinhosa homenagem.

Outrossim, resolvemos ouvir as palavras do professor José Maria Neves que, embora não pertencendo ao Pedro II, sempre lutou pelos ideais de nossa juventude. Foi encontrado em sua residência, em Nova Friburgo, rodeado de pessoas da família e de amigos, que sempre reconheceram no bravo expedicionário predadores de honra e dignidade.

Ao chegarmos, fomos recebido amavelmente e em pouco o nosso pensamento desprendeuse e foi passar pela antiga Roma, onde os Cesáres impuseram o regime da insensatez e da barbárie, mas onde floresceram ideias elevadas como as de Mazzini, aspirando à contrarrevolução de todas as nações livres e amantes da liberdade.

A nossa conversa, entretanto, foi pouco a pouco, distanciando-se dos campos de batalha e, num curto espaço de tempo, a mente cosmopolita do ilustre professor refreia-se ao adiantamento social e intelectual do nosso país em relação, não somente à Itália, mas a quase todos os países da Europa e das Américas. Uma das primeiras frases que ouvimos, posto que o nosso instigante interlocutor fizesse questão de salientar a grandeza territorial do Brasil, e a sua vida, não queremos em Pistoia, mas adolescente em relação à velha Europa, foi a seguinte:

"Nós, que estivemos em outras terras, podemos testemunhar o alívio de nosso povo". E então escutamos (porque não dizer?), com certa ironia, as suas palavras sobre a organização do ensino na Itália. Lá, digamos de passagem, todas as séries, de qualquer colégio, estudam em determinados livros, feitos por uma junta de professores nomeada pelo Estado.

Depois, passou a nossa conversa a abordar temas também interessantes como: a magnífica distribuição das ruas pelas cidades; os costumes daquele povo; a ideia que eles fazem do Brasil e um sem número de coisas que tratáremos no decorrer de nossa reportagem.

Passamos, em seguida, a ver fotografias que nos mostrava com explicações, comentando as importantes designações que a guerra trouxe as terras de Mussolini, Palácios, cidades, monumentos históricos, tudo destruído...

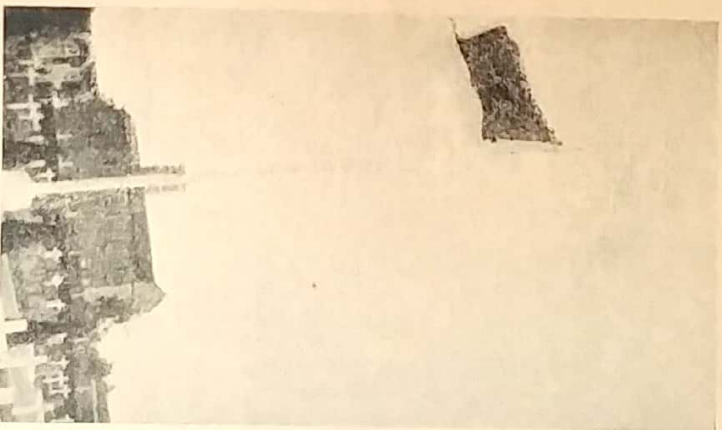
Ainda não havíamos chegado, porém, ao ponto mais emocionante da conversa, porque não tinhamos falado ainda nos arrabalhões onde nossos irmãos dormem, eternamente, seu último sono. Quando chegamos, o nosso entrevistado, visivelmente emocionado, empunhando uma fotografia, onde se podiam ver dezenas de cruzes: "Quando a gente passa por Pistoia da vontade de chorar!"

Sobre a fotografia lia-se claramente a frase que vem como título de nossa reportagem:

"Brasil! Aqui em Pistoia está o teu sangue."

A nossa palestra, entretanto, foi demasiadamente curta. As belezas da terra italiana ficaram em nossa mente, como imagens vagas. Queríamos conhecer bem o país onde nossos conterrâneos foram sacrificados, em defesa dos eternos princípios de Democracia.

No primeiro número de nossa Revista já haviamos, é certo, apresentado um trabalho sobre o heroísmo e a coragem serena dos brasileiros; mas



PISTOIA! A terra que recebeu os nossos heróis que tombaram na luta.

não falamos da terra, dos costumes, das condições de vida, do adiantamento social, das questões econômicas, dos monumentos antigos, da educação, das estradas, da lavoura e de inúmeros outros temas, que muito nos interessam, daquele povo que nos recebeu como libertadores.

Felizmente, o nosso ardente desejo foi satisfeito. Recebemos, em nossa redação, a visita de nosso colega, Francisco de Assis Sampaio, um dos expedicionários que saiu de nosso meio e das paredes hospitalares de nosso Colégio, para lutar, com seus companheiros de arma, a punição ao nazifascismo.

Sampaio sempre destacou-se, em nosso meio, pela sua inteligência e seu caráter. Rapaz moço, cheio de ideais, terminou o curso com brilhantís-

mo, e sempre soube respeitar e cultivar as tradições inotrocuras de nosso velho Colégio.

As suas primeiras palavras alegraram-nos, mas fizeram aflorar em nossa mente uma pequenina sombra de receio. Ele nos disse — não há coincidência — que não vinha falar propriamente da guerra, mas sobre as riquezas históricas da Itália; sobre o país e o povo. Alegram-nos porque era, precisamente, esse o nosso desejo. Inibidaram-nos porque, sejam os nossos desejos, nunca fomos excelentes alunos em História e tinhamos um certo receio de incomodá-lo com perguntas importunas.

Consolou-nos, entretanto, a frase: "E, primeiro agir antes de saber". E começamos a ouvir, animados por esse conceito, a magnífica narração de nosso colega. Nem por isso as perguntas incoerentes deixaram de perturbar o afluente de sua entrevista...

Logo de início, tal era a clareza com que nos eram expostas as maravilhas que tiveram oportunidade de ver, lembramo-nos de um interessante comentário sobre o mundo interior e exterior. Quem nos proporcionou esse conhecimento, foi o célebre escritor André Maurois. Vejamos suas primeiras palavras: "Parece que meu espírito seja um pequenino mundo interior em que se reflete, sem limite de tempo nem de espaço, o imenso mundo exterior". Os filósofos chamaram algumas vezes de "microcosmo" esse modelo reduzido do mundo do qual vivemos e que desejávamos compreender e transformar."

"O espírito, como o anjo, escrevia um alquimia da idade média, apodera-se de todas as coisas que estão no macrocosmo encarceradas". Dignos antes que o espírito ensala apodera-se de todas as coisas e que o mundo se reflete, em nós, deformado, como o céu e as flores na bola de vidro, prateada do jardim."

Não podemos fugir à regra. Aqueles que vivem de perto e esmiçam as desgraças da guerra trazem, no microcosmo, imagens nítidas do teatro infernal de que foram assistentes. Mas nos podemos também formular uma ideia, embora vaga e deformada, de tudo quanto andou devassando as terras da Itália.

Todos sabemos que seria absurdo traçar um paralelo entre o Brasil e os países da velha Europa: a isso opõe-se a puercia de nossa terra e a maturidade da outra. Se alguma vez, porém, as nossas palavras deixarem transparecer algum ressentimento, é porque desejamos a grandeza de nossa Pátria, a liberdade de nossos conterrâneos e, sobretudo, dignos para chefiá-la! Tempos, porém, dos Estados Unidos que são, em verdade, tão jovens quanto nós!...

Iniciamos o nosso interrogatório, indagando-lhe qual fora a primeira impressão que os brasileiros tiveram quando desembarcaram em Nápoles e sobremos, como já esperávamos, que depararíamos um espetáculo trágico de miséria, de fome e de guerra com todo seu séquito de desgraça. Os homens que se encontravam no caos, caavam, à semelhança de passaros estafados, míseras sobre a terra...

Antes de fazermos outras perguntas, sobremos que o nosso entrevistado quase não pôde perceber todas as cidades, uma vez que somente lhe havia tempo disponível nos sete dias de descanso, após combates cerrados de dois meses. Só houve tempo — acrescentou-nos ainda — depois de terminada a guerra e quando nos preparávamos para regressar ao Brasil. Nesta ocasião, sim, pudemos conhecer, deslumbrados, ante as maravilhosas

VELHOS TEMAS E ALGUNS POEMAS

JAIRO DIAS DE CARVALHO

O POETA

Era um Poeta sonhador e triste,
Pois triste e sonhador, às vezes, é
quem para amar a vida assim existe
E não encontra paz, amor, nem fé.

Esse amor impossível ele sonhava:

"Desconhecida, tu viras um dia,
Traze-me o corpo em flor e a própria vida.
Serás a encarnação da poesia;
E serás Sonho e Amor, Desconhecida."

E o tempo seus cabelos prateava,

Pois, nessa louca e perenal quimera,
Buscava em todas a mulher amada,
Mas encontrava, numa eterna espera,
O amargo estranho da ilusão roubada...

Se és poeta, se buscas Sonho e Vida,
Não procures já mais a Poesia.

(A poesia é minha alma e garriada,
Que não sabe viver numa prisão...)
Mas deixa que ela venha, noite e dia,E transborde de luz teu coração!...

CHOVE

Chove... chuva fina e imperceptível...
A chuva é uma mulher doente
Que não sabe quando vai morrer...

E chove... chove à toa...
E chuva fina,
E chuva boa...

E eu tenho uma certeza repentina
Que também chove dentro das pessoas...

MOMENTO

"Mundo em chamas de juncos e ateus,
Escuta, neste instante, a Chancela!
A simbólica voz de um só Deus
Val falar de Justiça e de Perdão!"

Mas ninguém quis ouvir essa Voz
E ninguém o terror abafou...
Numa dor imortal (al de nós!)
Esse Deus nunca mais nos falou!...

possibilita um conhecimento seu integral. Conquanto não possam fazer desaparecer completamente tais erros, o único meio de corrigi-los é multiplicar as observações, afim de pela média obtermos maior rigor na conclusão. Essa conclusão é dada como consequência da lei dos grandes números, que preconiza: diminuir a probabilidade do erro, em função do número das observações, por aproximar os resultados entre a média obtida e a medida exata.

O erro sistemático é o que se apresenta como corolário de uma causa persistente agindo sempre no mesmo sentido. Vemos portanto haver oportunidade plena entre os erros acidentais e os erros sistemáticos; uns são fortuitos inevitáveis, outros são constantes, evitáveis.

O erro sistemático está na dependência de duas causas: o instrumental e o do Avaidor. O instrumental formado pela grande quantidade de aparelhos utilizados nas observações. Logo o erro sistemático depende do aparelho tem muito probabilidade de ser atestado porque é possi-

vel promover a aferição dos instrumentos e a variação das condições de observação. Os que estão condicionados ao observador completam-se e se tornam mais difíceis de correção. Complicam-se em virtude de concebir diretamente ao homem, cuja equação pessoal é variável.

Entende-se por equação pessoal a maneira própria de cada observador perceber os fenômenos, em consequência da sua constituição psico-fisiológica. Si a constituição pessoal integrar a soma dos erros sistemáticos pode perfeitamente ser corrigida por um duplo processo: falta das fichas psico-fisiológicas e substituição das fichas psico-fisiológicas é imprescindível a colaboração do pessoal técnico em psico-fisiologia, nos laboratórios, afim de submeter os observadores a exames periódicos, avaliando assim do estado de seus órgãos sensitivos, da plenitude funcional de suas transmissões neuro-cerebrais, das suas reações às excitações do meio, etc. etc. Tal conclusão permitida, depois de concluída a ficha, ca-

da observador, melhorar as condições de observação. A substituição do observador por aparelhos registradores n alguns casos é possível e traz resultados apreciáveis. Outros apresentam sérias dificuldades pela inviabilidade da substituição, a qual se traduz na impossibilidade de registrar o fenômeno; por exemplo: a radiografia permite localizar as lesões mas não prediz da constatação clínica.

COLMEIA

Aspectos pitorescos de Olavo Bilac

Muitos poetas da nossa língua, alguns com fama e glória eterna, compuseram também canções, versos populares e picantes, retratando, de modo geral, os "casos" da alta sociedade de então. Foram quase todos boêmios, uns risinhos e alegres, outros melancólicos.

Eloy Pontes, com grande senso compilatório, faz minucioso estudo sobre a vida extenuante de Olavo Bilac, transcrevendo, in-besburante, poesias e versos populares do nosso cliviste, poetas e versos populares, em maior poeta, nas revistas e jornais do tempo.

Numa revista para estudantes, a oportunidade é boa para pilherias, principalmente rimadas por Olavo Bilac, o cantor e joalheiro da "Via Láctea". Assim, do valioso livro de Eloy Pontes, tomaremos alguns versos de Bilac, resumindo quanto possível os comentários.

No primeiro governo da República, foi escolhido para governador do Estado do Rio um grande amigo dos escritores: Olavo Bilac per-lencia ao seu gabinete; era o secretário e despachava em versos...

A professora Ana Maldonado pede três meses de licença e provoca do secretário do governador o seguinte despacho:

— Se dona Ana Maldonado
Fôr uma bela mulher,
Tenha o débito do ordenado
E do tempo que requer.

Mas se for velha e metida,
O que se chama um cambão
Seja logo demitida
Sem maior contemplação.

Nessa mesma época, um tesoureiro falta um dia sem outro também... O secretário resolve o caso:

— Niterói, 10 de janeiro
Saduções, fraternidade
Demita-se o tesoureiro
Por falta de assiduidade.

E haverá-se a portaria,
A nomeação, o alvará,
Que entregue a tesouraria
Ao dr. Luiz Murat.

Sobre a vida matrimonial Bilac era um destituído, um descrente do amor constante:

Antes era um paraíso
Beijos, protestos de amor;
Cada dia era um sorriso,
Cada hora era uma 100!
Depois o marido Guapo
Mudou de amor e de ação
Cada dia era um sapapo,
Cada hora um cachação...

Outro exemplo, é quando Bilac ataca e ridiculariza os maridos indubriados, por em ci-nios e ingênuos:

— Meu velho, conto contigo,
Estou desgraçado, Meio;
Tu vais perder um amigo;
Vou-me bater em duelo.

— Como assim? — Tu já vais ver:
Entrou em casa (que infeliz)
E encontrou minha mulher
Nos braços de Ze Luiz...

Que fazer? Que desgraçado!
Meio, que destino cru!
Estou aqui, estou furado
Já estou com um pé no Caçu.

— Sê filósofo, disfarça
E não mostres cara triste;
Não tens jeito para farsa
Pois finge que nada viste.

— E' muito bom dizer isto,
Com isto muitos fugiram
Porém eu, valha-me Cristo!
Não posso... Que éles me viram!

Para um prefeito negligente, assim se expressou Olavo Bilac:

As queixas não deu cavaco
Do povo sempre zombou;
Dorme agora num buraco
Das ruas que que nada viu.

Curiosidades...

Vários livros de geografia dão o vilarejo Aconcágua como situado no Chile. Mas a verdade é que ele se acha localizado na Argentina, posto que na faixa fronteiriça ao Chile.

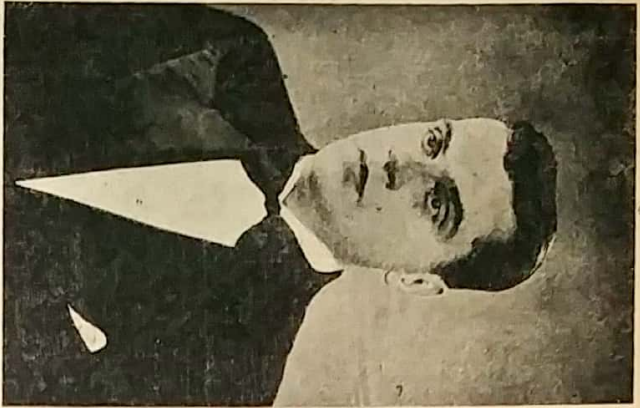
O Marechal Deodoro da Fonseca nunca deu o grito de "Viva a República". Quando entrou no quartel general, no dia 15 de novembro de 1889, sua finalidade era apenas depor o ministro chefe de Estado Provisório. Só sobre que havia feito a República, quando o coronel Jaime Benévolo foi levar-lhe a notícia.

O México é o único país da America Latina em que não predomina o catolicismo.

A maior transação turfística do mundo foi a venda do cavalo "Stardust", do príncipe Aga Khan, pela quantia de 112.000 gubneus ou Cr\$ 8.960.000,00.

(Continua na página 10)

O DIRETOR RESPONSÁVEL DA NOSSA REVISTA



Prof. Curvelo de Mendonça

A personalidade do dr. José Curvelo de Mendonça destaca-se e impressiona desde o instante em que com elle travamos conhecimento. Através de seus múltiplos dazeres — e elle os cumpre impetuosamente — pode-se observar com exactidão o perfil do homem superior.

Como médico e homem de ciência, tem trabalhado infatigável e exponencialmente em prol de melhores condições para a colheita. Percorrendo diversos países e entrando assim em contacto com cientistas de renome, pôde trazer à Pátria contribuições de incontestável mérito. Mas sua ânsia de novos conhecimentos exige muito mais. E é assim que o vemos, apressado, no intervalo de duas aulas, entre as pilhas de livros de uma livraria qualquer, a folhear com segredado as novas obras que casinhavam a marcha do tempo e da Ciência.

Não fosse a modestia que lhe é peculiar, e seu nome, merecidamente, esticaria no frontispício de muitas obras de literatura médica, que iluminam as estantes de nossas livrarias. Altds, nesse sentido, sua contribuição tem sido inestimável. Basta citar, como exemplo, esser primorosa "Vida e Evolução". E curioso notar aqui que esse livro foi escrito em colaboração com um ex-discipulo seu, Angelo Cruz, dando-se assim uma prova magnifica de que o aluno, pelo seu esforço e capacidade, pode assender até o mestre, tornando-se mesmo seu colaborador.

Recentemente, Curvelo de Mendonça, tem prestado relevantes serviços à Ciência, com seus estudos sobre **prozoários**, e varios outros realizados no Instituto Oswaldo Cruz.

Como mestre, Curvelo de Mendonça é um dos poucos que exercem o magistério por vocação, em opposição à grande maioria que o exerce por ter fracassado nas demais carreiras.

Ao contrario do que os vocabulos "médico" e "cientista" sugerem à maioria das pessoas, o dr. Curvelo de Mendonça é um homem jovem. Por isso, suas aulas são agradáveis e produtivas; expozca com clareza e rapididade seus pensamentos; **rapidamente**. Assim, ninguém perde tempo com elle, porque tempo é justamente o que elle não tem para perder...

Outra faceta de seu espirito é o sentimento de amizade que nutre para com a juventude. Discute, auxilia, explica. Funda grêmios e associações. Incentiva os jovens a proseguir nos seus tentames literários ou científicos e está presente a todas as iniciativas dos seus alunos sempre que tal lhe é possível.

Com isso, pode-se compreender facilmente a enorme e simpática popularidade que desfruta no seio da classe estudantil, quer seja entre simples ginsianos, quer seja entre as mais adiantadas séries universitárias. E assim não achamos exagerado, quando vemos um desses jovens defender entusiasmadamente o nome do mestre querido, situando-o entre os mais notáveis personagens do Brasil hodierno. Aquelle ginsiano tinha razão, quando lhe disse num discurso de formatura:

"Quem estudou sob vossa direção não teme o futuro."

(Conclue na página seguinte)

SAUDAÇÃO

Ao aviador brasileiro, Ribeiro de Barros, por ocasião do seu Grande Voo Transatlântico

OSCAR PRZEWODOWSKI

Apontando do azul gigante peregrino, que desvendando os céus chegaste ao teu destino.

A Pátria te saudu em vibração sonora.

Na exultante enoção do jubilo deshora.

Na trajetória exalta e olimpica da glória.

Já teu nome gravaste entre os flôres da História!

O vento, a tempestade, a soldado dorma.

Que envolve a natureza, onde o silêncio dorma.

A noite tenebrosa, a bruma das tormentas.

Rival da procelária, indifferente entrentas.

Mostrando ao Universo, em vôo condoreiro

O genio de teu berço, o berço brasileiro!

O espirito de luz e intrépido e fecundo.

Que fez da nossa terra a diretriz do mundo.

O Diretor responsável de nossa revista

(Continuação)

Mas ainda não falamos da admiração e da estima que desfruta entre seus colegas de magistério. Este tema, porém, não oferece assumto para longos comentários, porque ninguém ignora que o nosso prezado mestre é mais do que admirado entre seus colegas.

Para esse fim, bastou-nos recorrer à opinião doalçada do professor Honorio Silveira, por isso que o eminente autor da "Bacia Amazônica", além de possuir inteligência luminosa, é um homem que se impoz à admiração de todos pelo cumprimento do dever e pela coragem e independência com que combate e mediatocência e exalta as virtudes. Vejamos as suas palavras:

"Que posso eu dizer a respeito de meu excelente mestre e amigo prof. Curvelo de Mendonça?"

Pelo seu saber, inteligência e capacidade de trabalho poderá, sem receio e com **grande vantagem**, ocupar qualquer ctedra de sua especialidade pedagógica

Ginásio LEOPOLDO

(Continuação)

Machado, não pôde comparecer sendo representado por sua esposa: D. Marilla Machado.

Entre as magnificas pecas oratorias, a que mais calou em nossos corações, foi a do Prof. Newton de Barros. A proposito, esse mestre já se tornou uma figura bem conhecida em nosso Colégio, pela sua atenção e trabalho dispensados em prol do levantamento cultural de nossa Pátria. Durante os três anos que assumiu a direção do Ginásio Leopoldo demonstrou invulgar capacidade administrativa, e tornou-se, pela amizade liberal e afetiva, que dedica aos seus alunos, verdadeiro paladmo dos ideais de nossa juventude.

Finalizando a sessão o Dr. Getúlio Monteiro, presidente da mesa, dirigiu algumas palavras aos diplomandos, agradecendo a indicação de seu nome para um dos homenageados.

Em particular, agradeceemos às senhoritas Wilma Magluf, Nelly de Barros, Egiani-me Fernandes da Silva, Iza Chaves de Almeida e Zahneh Magluf, inteligentes diplomandas, a amabilidade com que nos trataram.

nas mais exigentes universidades europeias ou americanas.

Curvelo de Mendonça é, assim, uma coluna do Internacio do Colégio Pedro II.

FOTOD'AVILLA
ESPECIALISTA EM ALBUNS DE FORMATURA
AVENIDA RIO BRANCO, 9 — 3.º ANDAR — SALA 338

— ATENDE DAS 14 ÀS 17 HORAS —

Grande concurso de contos e crônicas

A revista COLMEIA, num magnífico esforço de divulgação, resolve promover um grande concurso de contos e crônicas, patrocinado pela LIVRARIA FRANCO-BRASILEIRA, LTDA., cujas bases são as seguintes:

- 1.º) O conto ou crônica poderá versar sobre qualquer assunto. Será datilografado a dois espaços, de um lado só do papel e não pode ultrapassar o máximo de 3 páginas; os trabalhos devem vir com pseudônimos. O nome real do autor, juntamente com o pseudônimo, virá num envelope, à parte, fechado e anexo ao trabalho.
- 2.º) Os trabalhos serão enviados para **João Dias de Carvalho**, Campo de São Christóvão n.º 177, até o dia 1.º de maio de 1946.
- 3.º) Uma comissão de professores julgará os trabalhos.
- 4.º) Serão conferidos os seguintes prêmios:
 - 1.º prêmio: Um livro magnificamente encadernado e de um valor de Cr\$ 150,00; publicação do conto ou crônica na revista COLMEIA.
 - 2.º prêmio: um livro encadernado de um valor de Cr\$ 100,00, e a publicação do trabalho na COLMEIA.
 - 3.º prêmio: uma assinatura anual de COLMEIA e a publicação do trabalho.

4.º prêmio: todos que concorrerem ao concurso receberão um exemplar de COLMEIA.

"SENHOR DIRETOR DE "COLMEIA":

Desejando tomar parte no concurso de contos e crônicas, envio-lhe a minha colaboração e o envelope contendo o meu pseudônimo e assinatura.

Pseudônimo

Endereço

Fone

Só serão aceitos os trabalhos enviados com este talão.

RECORDAÇÃO

Francisco de Paula A. de Souza

Agora que vivo da doce saudade,
Minhas horas são serenas.
Não tenho a desejada felicidade,
Só sinto que tenho apenas
A lembrança do amor e da maldade.
Os sonhos que tenho agora, querida,
Não são aqueles sonhos de outrora,
Tento recordação da ilusão perdida,
De sonhos, desejos que foram embora...
Esperança que morreu...
O sonhos, desejos de amor que agora findos...
Pobres anseios de amor que agora findos...
Passado suave e triste,
Em que tudo era ilusão...
E agora nada existe,
A não ser lágrimas e recordação...

LIVRARIA GERAL

FRANCO BRASILEIRA, LTDA.

Todos os livros — Encadernação de luxo — Restauração
OUIDOR, 164 — 4.º ANDAR — TELEFONE 43-0369

Sessão cívica do Colégio Pedro II

TRECHOS DOS DISCURSOS DO PROFESSOR CLÓVIS MONTEIRO, DA PROFESSORA VERA-MARIA E DO ALUNO GILSON SANTOS



O Parante das turmas: Prof. Clóvis Monteiro.

Reclizou-se, no dia oito de janeiro, a solenidade de formatura dos alunos do curso clássico e científico. Indiscutivelmente, foi, entre todas as sessões cívicas promovidas pelo nosso Colégio, nestes últimos tempos, uma das mais expressivas.

Realmente, os laboriosos bacharelados lograram obter uma vitória bem significativa. Para nós, entretanto, que os conhecemos de perto, esse triunfo não foi motivo de admiração. As turmas que contam com inteligências luminosas como, entre outras, a dos colegas Gilson Santos, Eros Gerdowsky e Expedito Quintas; com entusiasmo construtivo como o dos nossos colegas de direção Robinson Gill e Jayme Avulsini; com elementos, enfim, de indiscutível mérito intelectual e moral, como, entre muitos, os colegas Fernando Nogueira e Otávio de Araújo, só poderiam triunfar galhardamente.

A solenidade, por motivos imprevistos, não se pôde realizar na hora marcada. Participou as turmas o Prof. Clóvis Monteiro, sendo a madrinha a professora Vera Maria

de Freitas, e o orador oficial o aluno Gilson Santos.

A sessão foi aberta pelo diretor do Colégio que, pedindo permissão para justificar o atraso e explicando o objetivo da mesma, deu a palavra ao orador Gilson Santos. De sua brilhante peça oratória, que deixou de ser um discurso comum de formatura para se resumir em palavras de reconhecimento e amor ao nosso Colégio, transcrevemos o seguinte trecho:

"Neste momento de tanta significação para nós, dois sentimentos antagonísticos se enlham em nossa alma; o júbilo pela vitória conquistada e a tristeza da separação. A alegria é justa, pois a perspectiva do ingresso numa faculdade mais nos aproximamos agora dos ideais que sempre acalentamos.

A tristeza é plenamente justificada, pois identificados como somos com o Colégio Pedro II pelo labor conjunto de 7 anos entre as paredes deste tradicional educandário, separarmo-nos dele é fato a que não podemos ser indiferentes.

E é natural que assim seja: foi no Colégio que se veio esboçar a nossa personalidade, pois aquelas crianças irrequietas de 39 são em 45 homens resolutos, e se o amadurecimento da nossa inteligência se operou naquele ambiente, nossa vida será função do que lá aprendemos e observamos.

Foi no pequeno mundo do internato que aprendemos, através de sucessivas experiências, que se prolongaram por 4 anos, a selecionar aspectos morais, desprezar o que é mau e cultivar o bom. Lá o nosso espírito se amoldou e se definiu nossas tendências. Lá, enfim, aprendemos a viver em sociedade pela cooperação e sa firmaram as primeiras amizades sólidas.

Por tudo isso, o Colégio — alicerce do nosso edifício moral e intelectual — estará presente nas nossas menções ações futuras; cumprimo-nos, portanto, dignificá-lo com nossas realizações.

E este sentimento de honra e amor ao Colégio Padão do Brasil acaba de se exprimir na seguinte página 20)

Parmênides, o âpeiron e a bomba

Eros Gradowski

O Mundo tem presenciado nestes últimos anos, verdadeiras revoluções científicas: são princípios novos que surgem deixando por trás o velho, tudo aquilo que em determinado momento constituiu uma lei.

A Filosofia entretanto pouco se modificou desde a Antiguidade clássica até os nossos dias. Os problemas que preocuparam os Eleáticos, Jônicos ou Pitagóricos não deixaram de ser cogitados pelos Hegelianos, Cartesianistas e Kantianos. Todos eles em verdade, discutiram as premissas estabelecidas pelos seus mestres, chegando mesmo a ordenar o raciocínio de seus discípulos por novos rumos, que muitas vezes determinaram o estabelecimento de conceitos novos e seguros. Deve-se, porém, observar que as proposições fundamentais da "Scientia Mater" não têm sofrido transformações tão radicais que possam ter alterado o panorama filosófico. O problema do proto-elemento ou da causa primeira cujo estudo tanto atraía os filósofos gregos, culminado com Parmênides, já mais deixou de ser analisado em qualquer Escola.

Numa sucessão de diversas gerações, o Homem atribuiu aos elementos as mais variadas origens: admitiu-se como causa primeira a água, depois o ar, o fogo e finalmente, com Parmênides, o apêiron que seria uma substância indefinida e imutável, a única de todas as cousas. Platão, negando a realidade

objetiva, combatu as ideias de Parmênides e designou a cousa com o arquétipo — a imagem eterna do objeto no pensamento. A filosofia de Platão foi mais aceita do que aquela que pretendia dar à cousa uma "razão indefinida". — Que falta de senso, diziam logo, aceitamos antes o arquétipo; é mais poético!

Passaram-se os anos. A Física-Química estudando a molécula invade o campo do inicialmente pequeno, atinge o átomo e, penetrando no âmago deste, dá ao Homem o conhecimento de índimas partículas — os elétrons, prótons e nêutrons.

A transmissão dos elementos, sonho dos alquimistas, é observada e a hipótese do elemento único forma-se dia a dia mais provável. Parmênides não é mais um insensato e talvez aceitasse ao dizer que o proto-elemento era indefinido, pois que mais poderia ser dito da electricidade latente no interior do átomo?

A desintegração atômica, já conseguida, deu ao Homem da mais violenta arma conhecida e, sobre mistério de ontem, é hoje uma realidade "de alto poder explosivo". — Substâncias tu, Parmênides, do perigo encerrado no teu apêiron, e jamais terias pensado nele, prevenindo que o *Leit semelhathe*, curioso como o sbes, viesse a investigar melhor o que inocentemente sonhaste.

BRASIL! Aqui em Pistóia está o teu sangue

(Continuação)

aquelles esqueletos vegetais possuem rejuvenescer e que aquite céu tão caliginoso possa voltar a limpidéz característica do verão e da primavera.

É a época do "sport" no gelo. Até os carros de boi trocam as suas rodas pelas pranchas do "sky". Os passaros, como os homens, vivem nos celeiros esperando surta novamente a estação primavera, para regressarem ao campo, gorgoreando alegremente, enfeitados de vida e de luz.

De coração partido confesso que a natureza é mais bela. A mudança admirável que se verifica naqueles campos, do inverno para a primavera, dá-lhes ainda mais graça e formosura. Ainda hoje recordo-me da beleza de uma região que fica entre Portofino e Florencia. É tão bela, com seus tapetes de flores nativas, com centenas de pássaros colibrando pelo infinito, que a alma mais grosseira torna-se poética. Em particular, as cartas que escrevi para minha noiva, enquanto estive neste lugar, eram tão repletas de poesia que, muitas vezes, surpreendi-me admirado, pois nunca fui bom amigo das musas.

Respirando forte, ainda envolto em recordações saudosas, fez u a pequena pausa e acrescentou: —

Agora vamos tratar da Itália como país de turismo. A nossa gente não sabe aproveitar as belezas desses excursos. Naquela terra o turismo é mais intensificado. Quem vai para Milão, o mar-gem do rio Po, encontra a cidade de Pávia, que foi privilegiada pelas mais graciosas dádivas da

objetiva, combatu as ideias de Parmênides e designou a cousa com o arquétipo — a imagem eterna do objeto no pensamento. A filosofia de Platão foi mais aceita do que aquela que pretendia dar à cousa uma "razão indefinida". — Que falta de senso, diziam logo, aceitamos antes o arquétipo; é mais poético!

Passaram-se os anos. A Física-Química estudando a molécula invade o campo do inicialmente pequeno, atinge o átomo e, penetrando no âmago deste, dá ao Homem o conhecimento de índimas partículas — os elétrons, prótons e nêutrons.

A transmissão dos elementos, sonho dos alquimistas, é observada e a hipótese do elemento único forma-se dia a dia mais provável. Parmênides não é mais um insensato e talvez aceitasse ao dizer que o proto-elemento era indefinido, pois que mais poderia ser dito da electricidade latente no interior do átomo?

A desintegração atômica, já conseguida, deu ao Homem da mais violenta arma conhecida e, sobre mistério de ontem, é hoje uma realidade "de alto poder explosivo". — Substâncias tu, Parmênides, do perigo encerrado no teu apêiron, e jamais terias pensado nele, prevenindo que o *Leit semelhathe*, curioso como o sbes, viesse a investigar melhor o que inocentemente sonhaste.

natureza, tornando-se, assim, um lugar admirabilíssimo. Outra cidade bem pitoresca é a de Como, com seu admirável lago; ela parece um sonho azul no berço dos Alpes. Em suas proximidades há verdadeiros castelos que se comunicam com os Alpes por intermédio de pequenos meios de transporte (sistema cremalheira) a semelhança do "bordinho" do Corcovado.

Enfim, aproveitável bastante o turismo; além das maravilhas de Como viajei pelos Alpes e Apenninos deliciando-me com as belezas naturais daquela terra encantada.

Enquanto procurava eorrdonar ideias para concluir sua narração, fizemos de surpresa, uma pergunta, que nos foi respondida de maneira bem curiosa: —

O que mais lhe impressionou entre tantas maravilhas?

— "O número formidável de bicicletas que surgem de todos os cantos, cortando as cidades. Até senhores de 60 anos pedalam através, num confusão de juventude com senilidade, cruzando com as graciosas Italianas que, sorridentes, iam e vinham de um lado para o outro.

N.R. — No próximo número apresentaremos a continuação dessa crônica, incluindo pelas belezas históricas da Itália e encerrando, após falarmos sobre algumas cidades, com uma excursão ao *hitorismo dos brasileiros e com algumas palavras de respeito às terras de Pistóia.*

Meu passeio no futuro

ZE — VIKRAMUNDO

Eu, nada entendendo do que se passava, entrei com outros passageiros no estranho carro. Olhei o letreiro. Lá estava: Paris-via-New-York. Tudo me era desconhecido. A forma aquiescida daquele novo meio de transporte deixou-me impressionado. Aquilo não era avião; antes lembrava mais uma bola.

Incrível, vivíamos na era eletrônica. Tomamos nossos lugares. Dado o sinal de partida, a porta, ou melhor, a camada de ar que ali existia, transformou-se no metal do veículo, engolindo-nos.

Uma leve sensação de tremor. Novamente a desintegração da entrada nos deixou sentir o balço da atmosfera exterior.

— Por que que não alcançamos 500°? — Perguntou um colega.

— Deve ter sido algum desarranjo; pensei comigo.

Nada disso; mas... será verdade? Lá fora os jornaleiros apregoavam:

— The weather looks rainy.

— Que será isto? — Respondem-me em seguida o boy.

— Não pode ser verdade... Isto já é um absurdo! Estou louco, valha-me Deus! Dirigi-me ao piloto e quase sem voz, annunciei-lhe:

— Pode ser New York (está ouvindo?), mas eu não acredito!

Desconos. Os "camaleões" annunciavam tudo. Ainda uma vez, um jornalista passou, falando de churas.

— Que significa isso? — Perguntou alguém.

É o piloto explicou-nos: — Perguntou alguém.

— É mais um passo na ciência dos átomos: produção artificial de churas. Conseguiram nossos sábios, transformar o átomo de ar em átomo de água. Assim, esperam fazer de regiões áridas, verdadeiras granjas.

— Para que granjas se, à nossa vontade, podemos fazer de um guarda-chuva, uma banana com um simples toque da "máquina filosofal"? — Inqueri.

— Ai é que está — respondeu um companheiro. É como e fácil... O diabo é que existem cérebros atarraxados, pobres diabos. Para esses nada se deve mudar; preferem o regime arcaico. Mas a oposição também existe. E acredita que a nova era nascente, por pior que seja, será igual à anterior.

Além de tudo, a gente tem o gosto de mudar de vida.

— Compreendo. Um bombardeiozinho atômico... — Isto mesmo! — interrompeu o piloto.

— Ah!... Essa máquina no Brasil... Quanta coisa ruim poderia ser transformada... — É — respondeu-me um passageiro. Mas seriam precisas muitas... Separaram-nos. Eu amargaria, em seguida percorreria a cidade. Nunca me senti tão confuso.

NOTA: — Este artigo movhovo uma pequena divergência de opiniões entre a diretoria da Revista e o colega Arthur Campos; publicamos nouttra parte a crônica que nos enviou com o nome de: "Quem seria o pai".

O sorveteiro ia e vinha apregoando sua mercadoria: — "Curie" o sorvete que refresca atômicamente!

Não procurei saber se era verdade. Mais adiante, num cartaz: "Sabonete Negaton não precisa de água nem toalha. Usem-no".

Logo após sentei-me à mesa, onde pousavam lindas jarras floridas.

— Que vai almoçar? — perguntou-me o garçon.

— Bite com batatas, manteiga e ovos estrelados. O rapaz tomou de uma estranha pistóia, apontou-a para uma jarra e disse:

— Sirva-se à vontade, dentro de 6 segundos. Segui com os olhos o louco. Já ele atendida outros fregueses.

— Mas... acho que o louco sou eu". Pois ainda pude ver, no lugar das flores, que uma linda tulipa negra, completando meu pedido, era um apêtitoso ovo estrelado. "Isso é coisa do outro mundo... Não aguento mais. Voltarei pela primeira condução: "Consulte o horário, saíra em breve um bolido de volta. Mas não caírei noutra". Dirigi-me ao cast e tomei passagem de navio, julgando assim estar mais seguro.

— Torpedo à vista! — gritou o comandante. E a explosão foi inevitável.

— Ai, minha cabeça! — gemia eu.

Ainda bem, foi na janela que batí. Do lado de fora, um colega gritava:

— Como é? Você vai ou não à aula? — Mal pude responder que ia. Abri os olhos: lá estava o jornal, todo amarralhado e com os títulos garratals: DETALHES SOBRE A BOMBA ATOMICA. Eu dormira sobre ele.

Em breve, ia eu pendurado no estribo do "Petrola", moleirão, aborrecido. Que diferença do outro veículo!... "Arre!... não consigo esquecer o pesadelo!" Afetel-me melhor e, para passar o tempo, abri o livro de física. E li:

PONTO VI. ENSAIOS SOBRE A TEORIA ATOMICA.

Que azar o meu!

Moralidade desta crônica: "Alguns acabam assim. Outros começam."

Curiosidades...

Fala-se tanto na Rússia e no petróleo do Cáucaso. Mas convém notar que a Venezuela, país limitrofe do Brasil, produzindo 10,3% da produção petrolífera mundial, supera em muito a produção global dos Soviets. Não precisamos realçar a importância desse fato para a América do Sul.

"ETERNA GRATIDÃO"

Por Rodrigo Moura Lima

Tal qual um largo verde, onde vi surgir os frutos do trabalho de todos que por êle se dedicaram, o Grémio Literário Meilo e Souza mostrou-se-me, nos primeiros dias de vida interna no Pedro II, aquillo que foi na imterrupta sequencia dos soes — o brinqueteo que se dá a criança e para a qual êle é um simples brinquedo, quando na realidade foi o rato que me permitiu antever o sublime campo da litteratura.

E como que chamado por um sino desta Igreja, que é a arte litteraria, depois de verficar a especie de terreno em que se erguia, bati a sua porta com toda a força de minha vontade, pois, caso não conseguisse subtrahir o primeiro degrau, estaria amparado de que largo verde — berço de confiança e de incentivo.

Mas felizmente a sua escada era forte e firme e, ao pisar-lhe firme e fortemente, senti a beleza da figura de quem, fixando com desmemor um ideal, ve-lo ganhantemente realzado.

Entre naquelle Igreja; observei as suas imagens e, ante tamanha grandezza artistica, ouvi algo que me dizia:

Volta ao largo verde, procura conhece-lo e viver a sua vida, que nele encontrarás uma manhiatura deste tempo. Depois, sim! Vem a esta Igreja que, se para ella nasceste, aprende-as tudo quanto encerra.

E foi obedecendo aquella voz interior que me dediquei ao Grémio, conhecendo-o e vivendo com êle.

Para o conhecer bastou aproximar-me de seus patronos, homens dignos de nossa estima pela sua louvavel obra de perfeitia e constante cooperação entre mestres e discipulos; necessario foi-me apreciar o valor inconfundivel de alguns gremistas e por fim, colher opiniões de professores, funcionarios e colegas, todos unâimes em proclamarem a acção educacional deste Grémio que, indubitavelmente, é parte integrante da vida do Colégio Pedro II.

Para viver com o Grémio Literário Meilo e Souza nada mais lve que fazer, senão assistir as suas sempre proveitosas sessões, algumas das quaes inesqueciveis como foi aquella em que se homenageou as repúblicas americanas; a em que, no ano passado, comemoramos o aniversario natalicio do Dr. João Baptista de Meilo e Souza e, entre tantas outras, a que encorrou as actividades do Grémio em 1944, também comemorativa do seu 11.º aniversario.

Eis ai, senhores, numa síntese geral, o que recordo da minha passagem pelo Grémio Meilo e Souza, o qual considero, se algum dia pretender ser escritor, o berço desta vontade e a fonte desta lisação.

Permitte-me ainda ler um soneto de Bernardino Lopes intitulado Berço, a fim de completar este modesto trabalho:

Recordo: um largo verde e uma Igreja; um rio, um posilhão e um carro De três juntas bovinas, que ia e vinha Rinchando alegre, carregando barro.

Havia a escola, que era azul, e lúna. Um mestre mau, de assustador pigarro. (Meu Deus! que é isto, que enchoço a minha quando estas cousas tão singelas narro?)

"Sen! Alexandre, um bom velhinho rico que hospedara a Princesa, o lico-líco que me acordava de manhã, e a serra...

Com o seu nome de amor Boa-Esperança, Eis tudo quanto guarde na lembrança Da minha pobre e pequeninha terra!

Como o poeta que, em sinfletos e sonoros versos, cantou a sua "pobre e pequeninha terra", quero cantar este celeiro de jovens idealistas e patriotas, que é o Grémio Literário Meilo e Souza, ao dizer-lhe: o querido Grémio: se a ti não puder ser útil pelo resto da minha vida, podes ficar certo que contarei no minimo, com a minha eterna gratidão!

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1943

Sessão cívica do Colégio Pedro II

(Continuação)

denotar com a escolha do insigne professor Clóvis Monteiro para paraimho de nossas turmas. Homenageando-o como mestre e amigo dedicado, estendemos nossas homenagens ao proprio Colégio na pessoa de seu diretor."

Em seguida o senhor presidente da mesa deu a palavra a Professora Vera Maria de Freitas que, num discurso delicado pela simplicidade do estilo e profundo pela importância de seu conteúdo, assim se expressou:

"Não importa a carreira que proledeis seguir, em todas ellas poderéis ser úteis a Pátria. Quer sejas engenheiro, construindo edificios importantes, não só pela beleza das linhas arquitetônicas, mas pelo conforto que poderá proporcionar a sociedade; quer sejas químico, pesquisando e sintetizando no silencio dos gabinetes; quer sejas advogado propugnando pela justiça social; quer sejas professor, baseando-vos na prohibição para forjardes caracteres; poderdes, de qualquer forma, vos tornar cidadãos úteis, tendo sempre como escôpo o bem da humanidade." (trecho do discurso reconstruido).

Falou finalmente o Paraimho, Prof. Clóvis Monteiro, a quem solicitamos a de (Conclue na página seguinte)

Poemas Universais

EN EL ATRIO

FABIO FIALLO (Dominicano)

Deslumbradora de hermosura y gracia, en el atrio del templo apareció y todos a su paso se inclinaron, menos yo.

Como enjambre de alegres mariposaras volaron los elogios en redor: un homenaje le rindieron todos, menos yo.

Y tranquilo después, indiferente, a su morada cada cual volvió e indiferentes viven y tranquilos así todos, menos yo!

N. R. — Para abrir esta coletânea dos mais interessantes poemas da litteratura universal, escolhemos Fabio Fiallo, famoso poeta dominicano, que nasceu em 1865, vindo a falecer em 1942. O poema acima é um dos seus trabalhos mais conhecidos, apresentando várias traduções para o português, assinadas pelos mais diversos autores.

vida permissão para reconstruirmos algumas partes de seu eloquente e magnífico improviso.

Incluiu dizendo cabia-lhe agora dirigir algumas palavras aos seus alunos que estudam e forjam seus caracteres, durante os 7 anos de curso ginasial e colegial, ante a sua vigilância.

Não que tivesse, continuar o mestre, durante esse tempo algum motivo de queixar: ao contrario esta turma sempre destacou-se pelo adiantamento intelectual e moral de seus componentes. Nós é que ercamos sollicitados, não raro, a admitir o progresso extraordinário desses jovens, que sempre procuravam honrar as tradições do Colégio Pedro II.

Dirigindo mais algumas palavras de justiça das turmas, expressou-se, mais ou menos dessa forma, o insigne mestre:

Apezar da maturidade ainda conservo a minha alma cheia de ideais. Eu quero ver ainda o nosso país num adiantamento extraordinariamente maior do que o atual; quero ver as nossas terras cultivadas, cobertas de flores que são o sorriso com que nos encanta a natureza, e de frutos que são os alimentos da vida; o nosso céu cortado por gentias de azas,

não para levar as misérias disseminadas pela guerra, mas para maior eficiência nos meios de transporte e communicação; as nossas águas sulcadas por navios baidos nos nossos próprios estaleiros; e os nossos concidadãos livres, lutando pela grandezza do Brasil!

E concluindo a magnífica oração: Como disse a Professora Vera Maria de Freitas, referindo-se aos vossos ideais, podeis seguir qualquer carreira que sejas felizes, se tiverdes em mira servir a humanidade, a vossa família, a nossa Pátria, e, desta forma, a Deus.

Após a palavra civilitante de vibração cívica de nosso diretor, foi encerrada a sessão, regressando do salão do Museu Nacional de Belas Artes numerosas famílias, das mais destacadas em nossos ciclos sociais, impressionadas pela organização e adiantamento do Colégio Pedro II.

Devemos assinalar, também, a presença do nosso estimado Prof. Quintino do Valle que, apazar de seu estado de saúde, está sempre em contacto com o nosso Colégio e com a nossa juventude, da qual se tornou um dos maiores amigos, pelo seu velho paternal e atencioso que lhe sabe dis-pensar.

1945 — foi um ano festivo para o velho Internato de Pedro II, que voltou a ter aquele aspecto imponente e alegre dos bons tempos em que seus alunos idealizavam e construíam. Realmente, as solenidades e festejos se seguiram sem solução de continuidade, dando-nos inesquecíveis momentos de deleite espiritual.

Assim, tivemos a sessão comemorativa do aniversário do Grêmio Liberdade Mello e Souza com a presença do conhecido escritor Malba Tahan, além da magnífica sessão evocativa que se comemorou o aparecimento da revista "Colmeia", marcando também uma nova era de compreensão entre os alunos do Internato e do Externato.

A exposição de trabalhos manuais alcançou significativo sucesso, recebendo seus organizadores os mais merecidos elogios.

Um almoço de confraternização, onde se reuniram antigos alunos deste Colégio, hoje, médicos, engenheiros, professores, advogados veio dar uma nota curiosa ao ambiente austero do Internato.

Finalmente, cumpre-nos destacar as habituais solenidades de formatura: a missa, a entrega de diplomas, discursos dos parâmetros e dos oradores de turma e o baile solene, com a valsa da meia noite. Tudo nos pareceu um sonho maravilhoso...

(Techo do discurso proferido pelo orador da 4.ª série B, Francisco de Paula Augusto de Souza, na solenidade da formatura da referida série)

— Senhores: do Colégio Pedro II saíram grandes homens, que souberam elevar a cultura, pelo saber e pelo trabalho, o nome de nossa querida Pátria: Raul Pompéia, Carlos de Lacerda, Mário de Alencar, Joaquim Nabuco e muitos outros.

Foi dessas salas, que guardam dentro de si, as aspirações e as idéias primeiras de várias gerações, que eles saíram. E hoje são lembrados com saudade e admiração esses homens que souberam pagar com juros os ensinamentos aqui recebidos.

E foi também do Colégio Pedro II, senhores meus, que saíram aqueles desprendidos Brasmédicos, José Pinto Duarte e João Maurício de Vivei, a justiça e a liberdade.

Eles tiveram a ventura de dar a vida pela Humanidade e pela grandeza e eterna glória do Brasil.

Com certeza — quem sabe — esses heróis

ESTUDANTES!

QUANDO NECESSITAREM LIVROS ESCOLARES, PROCUREM A
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

— OUVIDOR, 94 —

COLMEIA

reviram em seus últimos pensamentos, já escurcidos pela hora derradeira, este Colégio dando-lhes adeus, abençoando-lhes a vida...

Irmãos brasileiros! Tivestes a honra de adubar com vosso sangue os mols alvarelhados ideais de justiça e liberdade. A mocidade que hoje vibra nesta casa, sente-se encorajada e orgulhosa de vossos feitos. Fazede que aqueles mols ainda mais, se é possível, esta grande pátria com que a bondade divina nos dotou.

Colégas, tomemos esses homens como exemplo. Marchemos a sua sombra, unidos pelos mesmos laços, porque assim poderemos, como eles, elevar o nome do nosso querido, forte e resoluto Brasil...

UM CASO CURIOSO

(Continuação)

originalidade no escritos do meu caro condiscipulo.

O que se passa realmente com ele é muito simples: um caso singular de subletivismo, que o leva, às vezes, a inconsciências estranhas, como a de refutar tudo aquilo que, por ser incompatível, com seu modo de pensar é, também, desprezível.

A essa altura parece que veio o Valentim dando um sorrisozinho, o Jairo balançando a cabeça e pronto para dar seu parecer, o José Luiz atropalhado em suas conclusões e o tal de Zé Viramundo com olhar pragmático e sereno:

— E' o diabo... é o diabo...

Somente o Arthur Campos está pensando, a um canto, (e quem sabe?) irritado com o meu tom de austera franqueza. E será que já inventou uma bola de cristal atômica, onde de interroga, assustado, a razão de tudo isso?

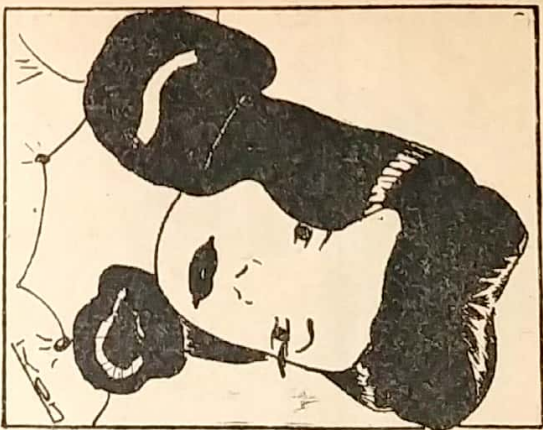
Não há razão nenhuma meu caro Arthur. Cairia numa falta se, porventura, nada dissesse e calasse. E foi unilateralmente por vê-lo seguir um caminho errado que o adverti antes que tropeçasse e calasse em algum poço escondido na relva.

Final o desprotegido da sorte que, graças ao espírito público das abelhas, foi salvo, esta aí para que o telor jeia e de também seu julgamento. A comissão julgadora, baseada em seu conteúdo... atômico, abriu-lhe uma colunazinha da "Colmeia", ele, pelo menos, diz algumas verdades...

L. A. F.

MOÇAS DE SÃO CRISTOVÃO

Crítica de Zélio Jotha



Nota da Redação: Esta "moçinha" foi desenhada por Ivon Washington

Certas moças, que se julgam sociais, somente por frequentarem banhos pomposos; mostram um sorriso numa reverência fingida; ou usam vestidos de acordo com cada estação do ano, ignoram que andar aos tranços e belos com alguém, em lugares onde a manutinha de Edison jamais chegou, além de anti-social, é também contra a moralidade, e vai ainda de encontro às boas regras de educação.

Esses campos sombrios, isolados e mal iluminados, que de dia é lugar adequado para treinamento do exercito, à noite nada mais é que um grande cerculo, limitado por plantas humanas que se entrançam em cada 10 metros dessa enorme circunferência.

Para colégios imorais, ou mesmo declarações de amor, temos de concordar em que esses casarizinhos não poderiam sair-se tão bem se estivessem em presença da mãe de qualquer deles. Nem mesmo mostrar-se-iam tão técnicos na arte de beijar-se, no invés de uma frondosa árvore (fritiro-me, aqui, as árvores vegetais) que espargue sua sombra pelo gradil, houvesse um poste da "light", ou uma placa metálica tão nossa conhecida: "Pátria de Onibus".

Desses moças que, sem mais reservas, dão braços ao primeiro com quem simpulizam, ou antipulizam, mereciam mais atenção, não só por parte dos policiais, mas ainda dos fiscais da Saúde Pública.

Janeiro - Abril, 1946

Lastima-se, outrossim, o fato de elas, para os rapazes que ainda prezam a moralidade, trazerem estampada, no orgulho forçado de seu andar, a etiqueta: "retiraria aos galanteios". Mas essas mesmas moças não resistem ao calor de um beijo inescrupuloso, nem sua dignidade é sensível às palavras indecorosas de rapazes que, em frases irreverentes, sabem instigar o gosto do "Michele", ou do "Elizabeth Arden".

Ignoram elas, muitas vezes, as mais simples regras de educação, e, no entanto, são dadas ao direito de julgar com orgulho, julgando-se ainda capazes de causar admiração a muitos homens, quando, em verdade, são apenas motivo de zombaria de todos.

Interessante é que essas jovens, quando não estão apoiando o gradil que circunda o referido campo, nem estão servindo de apoio aos rapazes que podem cair "vontos de amor", se mostram de uma seriedade tal que poderiam ludir aos maltores conhecedores do assunto. Reflexo de orgulho, que muitas vezes nos levan, a considerar simples questão de dignidade, elas não raro, deixam transparecer, no rosto, muitas vezes despedido dos retróquias da "lollie", a alvura característica das moças que não desconhecem o rumo certo da moralidade.

E' tempo de esmagarmos certos preconceitos que nos impõe a sociedade, e claramente falamos de assuntos que a ninguém passam despercebidos. Sim! Falamos sem receio, pois assim prestaremos um favor, se não aos promiscuosistas dessas cenas indecorosas, ao menos à moralidade pública, às mães dessas jovens irresponsáveis.

Já que são moças ignorantes de decoreto e de pudor, irresponsáveis pela idade, e outras pelo espírito, torna-se necessária uma providência por parte de terceiros. Se são menores, influencias pelas falsas confissões de amor de rapazes que somente visam ao proveito, entregam-se de uma maneira surpreendente às mãos dos conquistadores baratos. Ou por falta de prática no assunto, ou ainda por já sentirem a influência do germão corruptor, a verdade é que erram. E aos pais compete intervir. Se maiores, é mister a intervenção de autoridade competente.

Moças de São Cristovão!

Se não sois molto desta minha crítica, limitai-vos a saber da verdade. Se, porém, sentis o peso dessas afirmações, usai do raciocínio, analisai o fato, e muito cedo sabereis de que lado está a razão.

A vós, em quem caíram as carapuças que, no momento, jamo sobre este prospero bairro de São Cristovão, devo acrescentar que não vos conheço. De vós só conheço a sombra, a silhueta que, na escuridão da noite, se agarta à "tutra sombra".

Porque, note-se bem, nessa época em que tudo são dificuldades, somente nós é fácil aquilo que, outora, era tão difícil?

Estou julgando mais os fatos que as pessoas. Mesmo neste ultimo caso, falo de um modo geral, e não individualizando quem quer que seja.

“Amor próprio”

Luiz Carlos Santos

O cão ladrão com brandura para o avistar de que ele da calçada.

Ele, com um sorriso, estendeu a perra e passou para o meio da rua. Era cego aquele rapaz.

Quem o visse não imaginaria o profundo drama íntimo que o assaltara; que lhe atormentavam o cérebro pensamentos desesperados.

Quem o visse caminhando, sereno mas incerto como uma criança nos primeiros passos, não saberia sentir toda a realidade de uma história romanesca — a história de um jovem desgracado, não imaginaria, também, que ele estava recordando acontecimentos de um ano, um ano tão longo quanto uma vida.

Elza fora-lhe apresentada por um amigo num dia em que aniversariava. Ela, com suas doze primaveras e ele com vinte e duas, formavam um par que todos admiravam, um par unido em pensamento e espírito.

— Vamos ao cinema? ele lhe perguntara naquela tarde clara de verão.

E, entre dois sorrisos, ela concordou. Foram ao cinema do balatro e voltaram, começava a escurecer, comentando o filme.

Quase em frente de casa foram atravessar a rua. Elza, ele não soube porque, adiantou-se. Mas, ao chegar ao meio da rua, deu um grito estridente: vindo da curva próxima, apareceu um automóvel, a grande velocidade, que se dirigia para ela e que a teria atropelado se não fosse.

— Elza!

Ele atirou-se sobre ela e jogou-a para a frente, mas não foi suficientemente rápido, e o carro apalpou-o.

Sendo atirado a distância, caiu com a cabeça sobre a calçada e ficou inerte, enquanto o sangue, aos borbotões, jorrava para a rua.

— Mário!

— Mário!

Só uma semana depois ficou ciente de toda a sua desgraça: a pancada lhe afetara o nervo ótico e ele ficaria cego, irremediavelmente cego.

E durante quantas e quantas noites, ele, insonte, sentia murmurarem junto ao seu ouvido:

— Cego, irremediavelmente cego.

— Que seria dele, cego, sem a sua Elza? pensava.

Já que fiquei cego, não poderei ver mais seus olhos azuis, seus cabelos louros, sua pele de setim. Ela me desprezará. Que farei sem Elza, meu Deus?

Mas os fatos que se sucederam foram contrários aos que ele esperava: Elza desenvolveu suas palavras e mostrou-se mais carinhosa e as de qualquer outro.

Ele sentia-se pequeno, inferior, porque não podia enxergar; não poderia mais ver as maravilhosas cores de verão, a claridade ofuscante do sol, as verdadeiras folhagens, os mil-lícolordidos poentes.

E as palavras de Elza faziam-no sentir-se maior na sua pequenez.

Arranjou um cão, o lindo e prestativo Boy, que o levava até a casa de sua noiva, aguilão sobre Boy sobre quem, quase sempre, descarregava suas inquietudes. As vezes, assistiu pensava:

— Bondoso Boy: leva-me sempre a casa de Elza, leva-me pelo caminho da felicidade, pois Elza e a felicidade.

E atargava carinhosamente a cabeça do nobre animal.

Outras vezes, porém, em meio do caminho, pensava:

— Desgracado!, mostras a todos a minha cegueira, mostras que não posso viver sem teu auxílio, preciso de um cão para me tornar um homem.

E trilhava os dentes de ódio e desesperto.

Boy, sem lhe admitir os pensamentos, levava-o, prestativo, a casa de Elza.

— Como sempre, assim o fez naquele dia. Mário subiu as escadas e foi, pe ante pé, até a sala, onde queria fazer surpresa a Elza.

Porém, ao chegar à porta, o que ouviu fez-lo estacar, olhos arregalados e boca aberta.

A mãe de Elza dizia:

— Então, vales casar com este rapaz, bonito, é certo, bondoso, mas cego? que dirão seus amigos e parentes?

— Mas, mamãe, agora mais do que nunca devo casar-me com ele. Agora, que ele precisa de quem o guie, quem o alegre nas horas amargas, e que eu não me devo afastar. E bem verdade que já não o amo tanto quanto antes, quando me sentia admirada por ele.

Mas, tenhamos piedade dele.

— Pego licença para me intrrometer, disse Mário entrando.

As duas de tão surpresas, não conseguiram articular palavra.

— Não preciso da piedade de ninguém!, exclamou revoltado.

E sua voz saía profunda, cavernosa.

Elza, Enquanto era o maior dos orgulhosos, tudo eu aceitava, mas desde que se tornou outro sentimento qualquer, eu me retrio. As suas palavras faziam-me sentir mais confortado na minha desgraça, mais feliz dentro da minha infelicidade, pois eu julgava ser amado. E era o meu sonho que me estimulava a suportar toda a dor que me torturava. Mas, já que é com intuito de me favorecer, de me ajudar, que voce pretendia casar-se comigo.

— Mas, Mário...

— Não há mais, Elza. Como já disse, eu sou um grande orgulhoso e não suportaria que você estivesse ligada a mim por piedade. Sou também ingrato e ambicioso, pois deveria contentar-me com a sua comisseração, o seu carinho e sua ajuda. Mas, para mim, isto so não basta.

(Conclue na página 29)

COLMEIA

Uma personagem querida



sua vida. Foi estudante de nosso Colégio; não ligava entre os nomes de seus colegas, que naturalmente ocupam posições de destaque, por infortúnio lamentável... e como todo menino, deve ficar esquecido.

Entretanto, o senhor Farra não abandonou o Colégio, primeiro beijo de seus ideais de menino e de adolescente, e amigo inseparável de sua velhice, onde vive, ainda, conosco. E quantas gerações, que por aqui passaram, não levaram consigo recordações saudáveis em que sempre figura, sem a menor dúvida, sua fisionomia serena.

Quando chegamos para as aulas, a primeira pessoa que encontramos, ora pensativo sentido numa cadeira, ora no patamar da porta, aquecendo-se aos raios do sol, é ele, a senheiranga de um fiel sentimento, vigiando o Predio que já o conhece há tantos anos.

Um dia desses, subemos que os ratos haviam devorado sua criação de pintos, e ouvimos então a história: sempre concisa e clara feito as histórias gregas.

Ele é, sobretudo um anção benevolente e amigo. Nunca se obtreze seriamente, mesmo com a imperbiência daqueles que estropearo no livro, onde os alunos assinam o ponto:

“Seu Farra, da portaria? Quem dita, Virgem Maria, obi seu Farra, que romaria... Seu Farra, Seu Farra! Onde está o Zé Maria da rouparia?!”

Durante 40 anos, 4 de estudantes e 36 de funcionário, escolheu a vida no Colégio Padrão do Brasil. Não há, pois, admirar o amor acendrado e o interesse com que acompanha os acontecimentos que aqui se desentrolam; é o amor às tradições e às recordações do passado que assim o quer.

Se alguma vez o vemos contrariado, algumas palavras amigas fazem embebercer seu coração que, ao sabor dos anos, em vez de petrificar-se, amoleceu mais ainda.

E' curioso notar, também, a amizade fraternal que lhe é dedicada pelos professores. O Dr. George Sumner é um de seus maiores amigos e, não raro, os surpreendemos, sorridentes e alegres, na mais interessante palestra. O Dr. Quintinho do Valle, diariamente,

(Conclue na página 29)

DR. HEREDIA

DOENÇAS DOS OLHOS

RECEITA PARA ÓCULOS

ESPECIALIZADO EM PESQUISAR A CAPACIDADE VISUAL DOS ESTUDANTES.

CONSULTAS POPULARES E COM HORA MARCADA

RUA BUENOS AIRES, 202, SOBRADO

TELEFONE 23-1482

Janeiro - Abril, 1946

Liga Pró-Educação e Fraternidade

Uma idéia luminosa.

O Idealismo ainda não morreu na terra brasileira, no meio da confusão, ainda há valores que se conservaram serenos e incontaminados.

A LEP é uma Instituição que surgiu tendo como orientador a figura eminente do prof. Newton G. de Barros.

Em verdade, somente a força Inocentrel dos idealistas pode anular as garras aduncas do analfabetismo, que ameaçam dilacerar o coração de nossa Pátria.

Não precisamos ir muito longe para mostrar que os brasileiros devemos unir nesta campanha extraordinária que se desentrola, dia a dia dentro de nosso País. É bastante acrescentar o exemplo magnífico de um de seus sócios:

"Valdeirino Pais Leme é o sócio número 41V da LEP. Aos vinte e oito anos, é casado e tem dois filhinhos. Mora em uma casa humilde, sem luz e outros confortos. Sua mesa de refeições porém, já serve como cartela para doze analfabetos! Do pouco que tem, distribue liberalmente com os que tem menos.

—Pais Leme: a LEP vem trazer-te o seu abraço amigo. E toma a liberdade de expor a tua fibra aos olhos dos jovens que também desejam participar patrioticamente. Pela felicidade de todos nós, prossegue na tua tarefa.

Os novos bandeirantes da LEP, em breve, alargarão as fronteiras de luz contra as trevas do analfabetismo.

Nossos filhos herdarão, também, os frutos desse benéfico esforço!"

Os brasileiros, que sentimos ainda pulsar em nossos corações o ardor incontido do patriotismo,

Curso de Admissão ao

COLÉGIO PEDRO II

EXPLICADORES:

Leodegário Azevêdo e

Oldemar Ferreira dos Santos

MATRÍCULAS ABERTAS NA
2.ª QUINZENA DE MARÇO

Informações com a Redação de nossa

Revista.
— Telefone 28-0187 —

ante um exemplo como este, devemos hoje mesmo, congratularmo-nos a esta plêiade de idealistas.

Na rua, na proleção humilde, no bairro que usa ainda a candela de azeite para a iluminação, se honra um sócio da LEP o analfabetismo enfrenta um inimigo forte e descomunal. E é por isso que apelamos para os brasileiros, sem distinção de sexo, raça ou religião, no sentido de congregarem-se conosco para que o analfabetismo seja combatido, permatam-nos a participação, como o Xeropsala, Cheops no tempo de Oswaldo Cruz. Havendo sócios da LEP no Brasil inteiro, a nossa Pátria, varrendo a nutrem negra que palpa assustadoramente sobre a situação nacional, estará contribuindo, a passos firmes, pelo caminho da liberdade e da glória.

Publicamos agora a maneira de colaborar com a LEP:

- 1º Alimentar o número de sócios.
- 2º Fornecer-nos endereços de analfabetos.
- 3º Observar onde há alunos primários fupindo da escola e procurar evitar esse mal, com inteligência.
- 4º Ouvir os pais que não enviam seus filhos a escola e comunicar as razões à LEP.
- 5º Procurar os mestres alfabetizadores, ouvir as suas mágoas, os seus métodos e prestar-lhes carinhos dignos de heróis.
- 6º Ter sempre presente à memória o nosso lema: bondade, cultura, saúde e fraternidade. E agora, o seu regulamentado

DOS PARENTES

A LEP é uma reunião de jovens que desejam ser úteis, aprimorar a própria educação e aumentar o círculo de amigos. Na primeira fase, o veículo de sua ação será a Imprensa. Leia as suas divulgações no 2º sábado de cada mês no "Globo", "Correio da Lavoura" e "A Notícia".

DOS SÓCIOS

A LEP NÃO EXIGE! MENSALIDADES

Há três categorias de sócios:

- a — fundadores — o orientador e os primeiros representantes;
- b — honorários — os cooperadores da LEP, por sua designação;
- c — voluntários — os que preencherem a lista anexa.

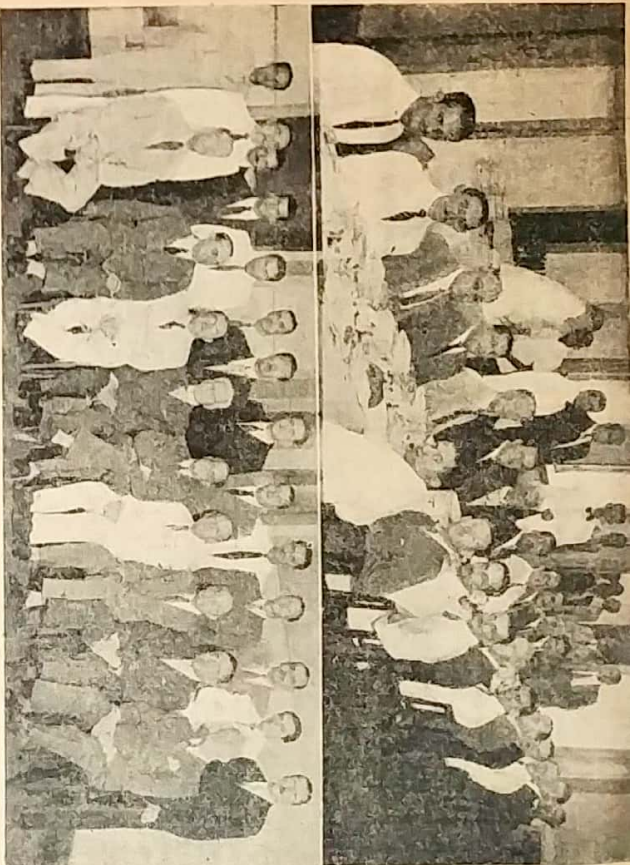
DOS DIREITOS

- a — receber orientação amigável na própria educação;
- b — expor idéias úteis sem caráter político ou religioso;
- c — receber prêmios e graduações pela cooperação com a LEP.

DOS DEVERES

- a — combater o analfabetismo individual ou coletivamente;
- b — tomar parte nos concursos de cultura da LEP.

(Conclue na página 33)



Dois aspectos de um almoço oferecido por antigos alunos, no Internato do Colégio Pedro II. Comparam, entre outras pessoas de real destaque, os professores: Pedro do Couto, Clóvis Monteiro, Júlio Nogueira, Cecil Thibe, Gilvânio Amado e João Batista de Melo e Souza. Devemos assinalar também a presença do ex-prefeito da cidade e também ex-aluno do Colégio Pinacelândia Azevêdo.

“ Amor próprio ”

(Continuação)

E assim falando, Máio relembrava-se dos tempos felizes em que ele podia ver Eliza e em que ela, sentindo-se admirada, o amava; de quando subia a ladeira assovilhando... Como olhava contente aquela casa de janelas azuis e com que alegria gagueava as escadas para se encontrar com ela...

Recordava os seus dias felizes Aquilo tudo se lhe confundia no cérebro enquanto, mudas, Eliza e a mãe ouviam o que ele continuava a dizer. Parecia-lhe que repetia sempre a primeira frase, mas prosseguia:

— Sim, Eliza, eu nunca permitiria isso. Quando, perante o sacerdote, você jurasse amar e honrar o seu marido, eu pensaria revoltado: Hipócrita! Pois estaria certo de que você, apesar de honrá-lo, não saberia amá-lo. Porque você, mais que todas as mulheres, é valdosa. E não suportaria a idéia de que eu não pudesse vê-la, de que eu não pudesse admirar suas faces rosadas e seus olhos azuis.

Mas, você talvez nunca tenha pensado

Não sei se você sabe que um cego, porque lhe está vedado ver o físico, apura a visão espiritual e ama a alma, a beleza moral, mais que qualquer outro amaria o corpo. A minha presença é demais nesta casa. Adeus, Elza! Eu me vou, mas lembre-se de que sempre a amarei, e que renuncio a este amor porque ele traria a sua infelicidade. Boy, vamos!

★

E dizendo isto, desceu as escadas da rua. Momentos depois qualquer pessoa poderia vê-lo sorrindo para esconder a mágoa, arrivar-se a larga praça do bairro e, principalmente, qualquer pessoa que estivesse à janela azul de um prédio alto, no cimo de uma lateral...

BOLSAS FINAS, RELÓGIOS, GRAVATAS E ARTIGOS
— PARA PRESENTES —

GIÃO

RUA SENADOR DANTAS, 118. F — FONE: 42-4748

Zumbidos e Ferroadas

Dirigido de ZUM-ZUM



adormeceram angelicamente. O mestre, sem se perturbar, voltou-se para os demais alunos da turma e disse, com o semblante iluminado pela satisfação:

— E por isso que gosto dessa turma! Ora, veja, vocês: aqui temos alunos realmente notáveis.

E explicou:

Nas escolas de oculismo da Índia, quando as grandes mentalidades indus têm por fim aprender rapidamente teorias transcendentes, dormem sobre os sagrados livros. Por isso a atitude desses alunos me comove. Vejam com que perla esses nossos amigos usam o costume indiano.

E terminando, com ironia:

— São mesmo uns abnegados! Sacrificam-se pela Matemática, empregando até mesmo processos orientais...

★

É você quem, todas as tardes, após o jantar, costuma jogar bolinhas de mão nas pequenas que passam pelo Colégio? Hein Gerardo?

E você o ranhático que costuma tocar violino na janela alardeando as beladades que passam na rua? Sim, é você Mozart Schubert.

★

Até que ponto podemos chegar!

Parece incrível, mas é bem crível: o "Simplicio" com um vidro de estrão na mão, preocupado com as garfadas e com as... axilas:

— Elis aí porque é ruim a gente não tomar banho! (aviso importante: ele mora no bloco da 5ª divisão)

★

Quem será o autor? Será o "bolinha de mão" ou o "Barba Azul"?

Trepel num pé de côco
Para apagar uma gotinha,
Chegou o dono dos pepinos?

— Quem te deu esses zumbidos?

Viva a jarra da china,
Viva o peçoço sem carozo

Filho de porca é leilão,
Carangueijo não tem pesocoço

★

Outra Poeta, dedicada ao Ave e o Lino, sem segundas intenções...

Ele saiu do Colégio
ou melhor

mudou-se do Colégio
mas gosta tanto do Colégio

Do Colégio
Do Colégio

Do Colégio

Que queira carregar o Colégio...

AVISO:

Procura-se a mulher do "Sen" Guimarães com a bolsa. Informações com Wilma Magalhães.



1 — A sessão circa da Revis- 2 — Cotidinho...

3 — E finalmente: a sessão foi magnífica!

VISITAS INOPORTUNAS

Um Zumbido

Todas as noites a nossa Revista recebe um visitante, o homem pequenino e que tem a voz de "gigante", que vem tocar violão e contar piadas infames, para infelicidade de nosso colega Expedito que anda atrapalhado com seus estudos de Química. Oxalá essas visitas já terminem, porque... se continuarem... virá, inevitavelmente, a ferroada.

CANTOR ITALIANO

O Chico Sampalo voltou da Itália crente que é cantor! A sua vida, agora, resume-se em ensaiar e decer o nosso ouvido com sua voz de cabo-Friense.

★

GATINOS POR CONCURSO

Delegado: Você explique como fez isso.

Gatuno: Foi assim seu Doutor:

Funcional perfeitamente coordenado, em regime de mútua colaboração sob a orientação da cozinheira.

★

Completamente descrente dos homens, assim votou um eleitor no último pleito: "Patria Presidente da República: Nosso Senhor Jesus Cristo". (...) E o juiz anuiu o voto "porque o candidato não estava registrado".

PAULO MARTINS NEX e JOSE DUVAL CORDEIRO

Gatuno: Sou gatuno por concurso, aprovado pelo DASP, estou efetivado, padrinho J...

Delegado: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

Gatuno: E você onde aprendeu essa linsubem?

"OCULITISMO"

O Dr. Quintino do Vale comentava, com a seriedade que lhe é peculiar, o famigerado sobre de Raimundo Corrêa: "As Pombas":

— "Vai-se a primeira pomba desperdiçada..."

— "Fois é — dizia o Ilustre mestre — alguns gramáticos cismaram em denominar ao se que aí aparece "partícula de espontaneidade". Não sei porque.

E concluiu, fazendo "blague":

— "Eu, pelo menos, quando digo — "e vai-se velozmente o m^{da} dinheiro" — não sinto nisso nenhuma "espontaneidade". Pelo contrário..."

PONTOS DE VISTA

Não ria de nossas piadas, se V. tem o riso fácil, porque elas são feitas para contrariar o bom humor dos nossos leitores.

★

Aviso importante

Em compensação, recebemos de certos lugares telegramas e circulares, notificando que várias pessoas haviam "horrido de ri".

Para que não reste nenhum sobrevivente ou agonizante, providenciamos agora, nova dose de espírito engraçado de nossos colegas, que dada a sua antiguidade, talvez tenha algum proveto no fabrico da penicillina. Como diz o Silvio, "Hm!s corromti opus" Sim, isso mesmo que vocês estão pensando!

VOLLEY-BALL
e todos os ESPORTES
OS MELHORES ARTIGOS
Vendas pelo *Grande* MESBLA
RUA DO PASSEIO, 48/51

MESBLA
R. S. PAULO - MITTODI - RÊGIF
R. HÖRZ - PRÓDAS - F. ALGAE

PALAVRAS E PENSAMENTOS

A vida é força perece da qual somos portadores elementares.

Francisco de Castro

O Deus de um cristão é um pai que faz muita questão de suas maçãs e muito pouco de seus filhos.

Denis Diderot

Deus deve amar os pobres, por tê-los criado em grande número.

Lincoln

Vergonha: Uma coisa que a gente tem dos outros.

Alvaro Moreira

Um beijo tanto pode conduzir à felicidade como ao matrimônio.

Jardiel Poncela

O juízo que falta a muitos a ninguém sobeja.

Marquês de Maricá

Quem não puder ser um advogado honesto, que seja honesto sem ser advogado.

Lincoln

Nada mais aborrecido que a gratidão. Os ingratos têm pelo menos uma qualidade: delinhem-se e não aborrecem mais.

Paulo Barreto

"The liberty of discussion is the great safeguard of all other liberties. — Macaulay"

"Fuji do país onde um só exerce todos os poderes; e um país de escravos."

"Meu único amor foi sempre o amor da pátria; minha única ambição, a liberdade."

1. Mulher, mulher, tu és de ouro — (2-2)
2. Deus e o diabo — que confusão! — (1-4)
3. Aqui a esperança é produto do Brasil — (1-1)
4. O delegado que está a correr sempre foi esparto — (2-2)
5. Sika, aqui o animal — (1-1)
6. A criadada do sabão sofre "do corrução" — (3-2)
7. O ar puro não fica dentro da alma "para sempre" — (2-1-2)
8. Época em que se vivia contente foi no reinado do "rei dos Ostrópodos" — (2-2)
9. Tudo que é grande e belo, Deus reuniu para fazer a mulher e a "flôr" — (2-2)
10. O mundo é um planeta "redondo" — (2-1)

3. Perguntas Fáceis

Qual o parente que, sem a inicial, é acidente geográfico?

Ele é parte do corpo e ela é medida antiga. Que é?

Quando é que o leite é música?

Que está debaixo da calçada?

Um saco de cimento, uma pistola. Que é?

Filho é, pai sério; como fizeres acháris.

Uma personagem querida

(Continuação)

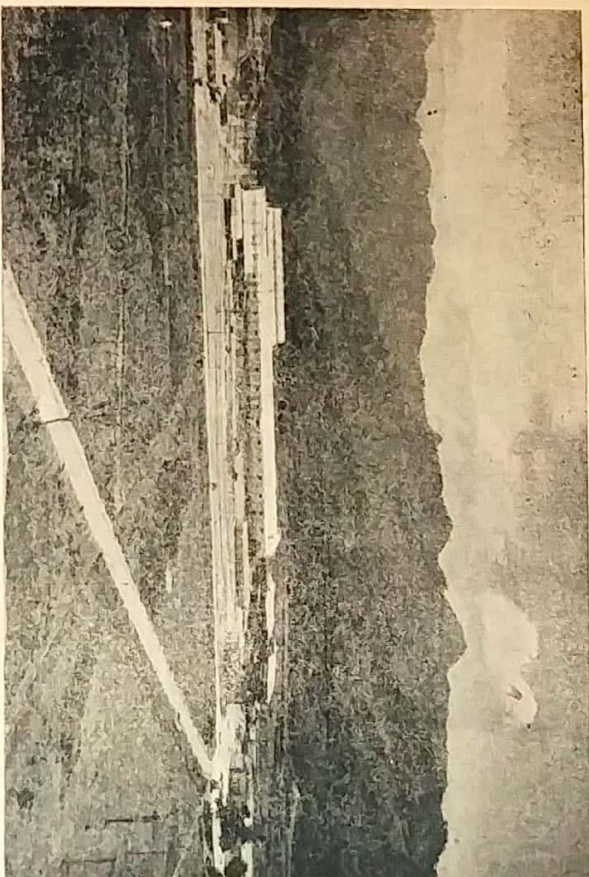
délica alguns momentos ao velho companheiro, e então temos oportunidade de ver o semblante do mestre, de ordinário sereno e pensativo, abrir-se numa conversação franca e amigável.

Ninguém, enfim, esquivava-se ou mesmo desrespeitava as opiniões do anicão, porque sabe-se assim fizesse desrespeitaria as tradições gloriosas de nosso Colégio, que parecem repousar na cabeça encanecida do nosso querido amigo.

No Colégio, rodeado de alunos, vive feliz. Em casa, recebe o carinho de seus filhos, e diverte-se com seus gratos netinhos...

E é nisso que se resume a sua vida.

Sabemos, de antemão, que não será sem um protesto, suscitado pela sua modestia, que receberá a nossa pequenina homenagem. Entretanto, senhor Patria, nos os diretores desta Revista, sentimo-nos verdadeiramente desvanecidos em poder dedicar-lhe esta página, para que fique como testemunho de respeito e admiração.



Aspecto da Fábrica Nacional de Motores, onde estiveram em visita os alunos de nosso Colégio, graças à cordialidade do Brigadeiro Muniz.

DAS GRADUAÇÕES

De acordo com o número de alabelizados, os sócios da LEP serão:

Aspirantes da LEP	1	alfabetizado
Condições da LEP	10	"
Professores da LEP	50	"
Mestres benemeritos da LEP	100	"

Endereço: RUA PROP. PARIS, 53 — NOVA IGUAÇU — ESTADO DO RIO

HINO

A "Liga pré-Educação e Fraternidade

Socors de Alcantara

SOBRE OS ALUNOS DA LEP

De difundir a instrução é civismo.
E' sagrado dever ensinar.
Entre nós, de uma vez, extirpar.
E cerrando fileiras, valentes,
Em defesa de um povo viril.
Acoitemos seguir Thyraentes
Nos transportes de amor ao Brasil.

FICHA DE INSCRIÇÃO DA LEP

Pego minha inscrição como sócio voluntário da LEP:

Nome

Data de nascimento

Estado

Endereço completo

Assinatura dos pais

REVISTA "COLMEIA"

Rio, 21 de J neiro de 1946

Grande variedade em casimiros, linhos e tropicais nacionais e estrangeiros.

Alfataria DANÚRIO

RUA GONÇALVES DIAS N.º 65 — 1.º ANDAR — TELEFONE 22-1048

LÁTÍCIÑIOS CANCELA
BAR E SORVETERIA

FONE : 28-0015 — RUA SÃO LUIZ GONZAGA

COLMEIA

Versos de Natal

Manuel Bandeira

Espelho, amigo verdativo,
Tu rejeitas as minhas rugas,
Os meus cabelos brancos,
Os meus olhos miopes e cansados,
Espelho, amigo verdativo,
Mestre do realismo exato e minucioso,
Obrigado, obrigado

Nas se fosses nudivio,
Pentecistas ate ao fundo desse homem triste,
Descobertas o menino que sustentava este homem,
O menino que não quer morrer,
Que não morrerá sendo contido,
O menino que todos os anos na vespera do Na-
vembro ainda em pór os seus chinélinhos atados
da porta.

NOTA — Este poema foi transcrito de "A
Manhã", de 23 de dezembro de 1945.

Carta aberta

Quando às alegações feitas a outros profes-
sors seus colegas, que nada tem com a nossa
REVISTA e que denunciaram alguma questão
pessoal, a nos, absolutamente, não interessam.
Mesmo porque o nosso objetivo, como aduzimos
acima, não é outro senão fazer critica construtiva,
e publicar algo que vai de encontro aos nossos
princípios, além de ser contraproducente, seria um
desrespeito a nossa ética estudantil.

O senhor, certamente, deve estar admirado
com o nosso tom de austera franqueza. Não se
admira, porém, nem julgue que lhe guardamos
algum rancor: com Clécio aprendemos que nada
devemos ocultar sendo verdade e moderadamente,
com os nossos orientadores aprendemos a esque-
cer. E, sobretudo, a sua critica tranquilizou-nos
bastante, porque com ela reconhecemos o valor de
nossa obra.

Respeitosamente,

Leodegário A. de Azevêdo Filho

O MÊTOIDO

(Continuação)

lógico. Constitui prova irrefu-
tabel de nossa afirmação o con-
celto emitido pelo grande Pas-
teur quando expunha seus estu-
dios sobre a geração espontânea:
"nada existe aqui, nem religião,
nem filosofia, nem ateísmo, nem
materialismo e nem espiritualis-
mo que se mantenhiam. Podem-
do mesmo acrescentar que, como
sabão, pouco me importam. Re-
ferindo-se à ideia de presposi-
tiva, Descartes, em seu memora-
vel "Discurso sobre o método",
estabelece um principio que va-
le como conduta segura: "ven-
tar seriamente tirar de seus co-
nhecimentos todas as opiniões
admitidas até então, a fim de
aceitá-las mais tarde ou substi-
tuí-las por outras melhores ou
as mesmas, uma vez ajustado ao
nível da razão".

Todavia, há umas tantas idéias
pre-imaginadas indispensáveis
para a própria orientação das
observações, muito embora se-
jam obrigados a conservar o
máximo de liberdade e em sua
análise, isto é, proceder sempre
por um primus de imparcialis-
mo. É o que nos indica, como a
superioridade de um genio, Chau-
de Bernard: "nunca devemos
fazer experiências para confir-
mar nossas idéias, mas simples-
mente para controlá-las". Eis
porque se impõe evitar "ad ma-
ximam" os erros de observação
subordinados a meras preven-
ções, as quais exigem obrigató-
riamente críticas já de cará-
ter psicológico, já de caráter ex-
perimental. A critica psicologica
vai indicar os rancorosos incon-
venientes que caracterizam as
prevenções, collocando-as em
condições suficientes para a cri-
tica experimental. Onde con-
cluímos ser necessário repetir
diversas vezes a observação pa-
ra garantir não só melhor ver-
acidade variabilidade dos meios
circunstanciaes. A experiência.
Logo, a observação não é apenas
na sua simplicidade, mas sem-
pre uma transposição e interpre-
tação da realidade.

Cont. no próximo número.

COLMEIA

PUBLICAÇÕES

ALFA-ÔMEGA — Esta conhecida e excelente
publicação de nossos colegas do Externato posse-
gue em sua carreira vitoriosa, já agora no seu
quinto numero.

SIMBOLO — Foi para nós motivo de grande
alegria o aparecimento do órgão cultural do Gi-
násio Mello e Souza. Aos seus idealizadores nossos
sinceros votos para que se mantenha com êxito
com que se apresenta.

REVISTA DO INSTITUTO BRASILEIRO-
TADOS UNIDOS — Gostamos a genuína do prof.
Oilton Garcia podemos admirar alguns exempla-
res dessa vital e oportuna publicação.

BRADO — Jornalzinho do Externato prosse-
gue bradando pela Democracia.

O ATOMO — Jornal do Colégio Juvenna,
trouxe-nos as novidades desse educandário.

CRITICA — Acusamos o recebimento desse
boletim, órgão oficial do Centro Academico Can-
didado de Oliveira, da Faculdade Nacional de Di-
reito.

E a todas essas agravações que nos enviaram
seus órgãos literários, agradecemos penhorosa
genuína da oferta e aplaudimos o esforço que
vem fazendo em prol de maior intercâmbio de
idéias.

PROJETOS PARA 1946

A nossa "Revista" pretende realizar breve-
mente uma série de conferências. Na época oop-
tuna daremos mais detalhes.

Convidamos, também, todos colegas para fa-
zerem parte da "Sociedade Amigos da Revista".

Prezados Leitores:

saudações democráticas.

Aqui está o segundo numero de "COLMEIA", a revista que preten-
de ser o baluarte das aspirações intellectuais dos alunos do Internato Pe-
dro II. Ainda não é o exemplar perfeito que prometemos. Nem seria pos-
sível. Nossos estimados leitores assim o compreenderão e não de desculpar-
nos, como compreenderam e desculparam a demora excepcional do apareci-
mento de nosso primeiro numero.

Realmente, só quem conosco tem estado pode ter uma pálida ideia
das multiplicas dificuldades que afrontamos na concretização de nosso ideal,
que, merce exclusiva de nossa persistência, ou melhor, do elevado espirito
de abnegação do colega Leodegário Azevêdo, ora se apresenta aos olhos com-
placentes dos nossos amigos e condiscipulos.

Desjamos, antes de mais nada, chamar a atenção para o nome
de nosso órgão: "COLMEIA", na feliz sugestão do velho mestre Quintino do
Valle. "COLMEIA": isso quer dizer, leitor amigo, que v. pode e deve tra-
balhar conosco, auxiliar-nos, colaborando e enviando sugestões, que recebe-
remos sempre como o testemunho agradável de que v. se interessa pelos
problemas estudantis e que acompanha e apoia nossos tentames em prol de
uma juventude sadia e mais brasileira. Porque "COLMEIA" é, na realidade,
uma revista do estudante e para o estudante.

Desde que pensamos em fundá-la, muita coisa de novo e de sensa-
cional tem acontecido em todo o mundo. Não; não vamos falar da bomba
atômica. Vamos falar de alguma coisa que mais de perto nos toca. Vamos
falar da esplendida vitória dos princípios democraticos em todos os cantos
da terra. Particularmente, fojens brasileiros que somos e, sobretudo, alu-
nos do Pedro II, somos, por formação, contrários a todas as formas de to-
talitarismo sejam elas de que cor forem.

Os estudantes sempre foram e serão — em todo o mundo, as senti-
nelas avançadas da Liberdade. E quem diz Liberdade diz Democracia.

Em materia de instrução, somos os primeiros a reconhecer a nossa
escassez de cultura, graças à inépcia ministerial de certos cavalheiros. Mas
a hora não é de lamentos. É de reconstrução.

E é nesse sentido que apelamos para os nossos colegas de todo o
Brasil.

"COLMEIA" é a nossa colaboração inicial. Façam vocês também
algo que arranque a juventude brasileira do marasmo em que a lançou a
ditadura!

A Redação.

TERRA DA LUZ

TARCISO BARROSO

Não é de todos desconhecido que foi no Ceará onde primeiro ecoou o brado sublime, que o imortalizou: "Ninguém mais morrerá escravo no meu território!"

Após três séculos de escravidão nefanda, a redenção luziu brilhantemente nas plagas dos "verdes mares bravios" da terra de Alencar.

Terra da Luz! Irradiaste para o Brasil inteiro os raios benfazejos da liberdade. Coube-te a glória de, entre todas as províncias do país, ser honrosamente heroína da Abolição.

Os cearenses, filhos da terra heróica, demonstraram mais do que nunca, o seu valor salvando o solo que lhes serviu de berço, do horror, da nódoa e do servilismo infame.

A campanha abolicionista alvoreceu naquella região bendita.

Paula Ney, Rodolfo Teófilo, o jangadeiro Francisco do Nascimento, Isaac Amaral, Alfredo Salgado, Carlos de Alencar, Elvira Pinho, Justiniano de Serpa e outros são os vultos illustres que muito lutaram pela emancipação dos escravos no Ceará. A "Sociedade Libertadora Cearense" e o jornal "O Libertador" tiveram papel relevante na causa abolicionista.

Um gesto, principalmente, celebrou a gloriosa campanha: o dos jangadeiros. Transformara-se a terra de Iracema em verdadeiro centro de comércio exportador de escravos; levas e levas deles, destinados às províncias do sul, de lá partiam constantemente separados para sempre de filhos, esposas e mães.

Naquella época, empregava-se a rude mas sólida jangada no transporte dos cativos para os navios negreiros. Inspirados pelos propagandistas da Abolição, movidos pelo espírito de solidariedade aos saíngados direitos de liberdade humana e desejando contribuir para a humanitária tarefa da libertação negra, os bravos jangadeiros puseram-se aos embarques dos negros em suas jangadas.

Franisco do Nascimento, que gozava de grande influência na sua classe, reuniu todos os jangadeiros e obteve deles o juramento de que nenhum escravo seria embarcado, para entrar ou sair, no porto de Fortaleza.

PAPEL PSICOLÓGICO DOS CONTOS INFANTIS

Gilson Santos

A alma infantil é um perfeito espelho: as mais leves impressões nela se refletem com nitidez, tornando muita vez um tal vulto que chegamos a considerar mais tarde os princípios fundamentais de suas ações nos mais variados setores.

São estes os célebres e ainda mal compreendidos "recliques" de Freud.

Basta esta citação para que se compreenda a enorme responsabilidade dos pais ou educadores. Realmente, as cenas e os fatos que as crianças sob sua responsabilidade estão habituadas a presenciarem, regerão o seu destino através dos seus atos. Neste ponto surge um elemento psicológico de primeira ordem: os contos infantis.

Não há criança que não aprecie histórias assim como não há velhos que não gostem de contos-lá-lá... E deste intercâmbio entre os extremos da vida se vai formando a mentalidade humana.

Na puercia, a imaginação não tem limites: cria e transforma fatos com a facilidade dos que não conhecem a impossibilidade. Durante uma narração, principalmente, a criança vive os fatos: ama com a heroína, luta com o herói e sobretudo odeia

Colaborando com os chefes do movimento abolicionista, ajudavam a dar fuga aos escravos escravos dos senhores e os escondiam sorrateiramente no meio de seu pessoal.

Em opposição a estes atos louváveis, surgiram as vozes ameaçadoras dos perversos negociantes de seres humanos.

Conflitos se originaram, peças de artilharia foram lançadas contra os libertadores, mas o vigor e a coragem dos homens do mar concorreram para que eles levassem a melhor naquella luta, que punha em jogo a sorte de centenas de almas sofredoras.

E' nesta efervescência de entusiasmo pela igualdade humana que vai florescendo em toda a província a luz radiante da libertação.

Aos poucos, vão os escravos sendo libertos, servindo o exemplo de Acarape aos outros municípios, que o secundaram na feliz campanha da redenção.

A escravidão estava assim ferida de morte e estrebuchava nos últimos momentos de agonia.

Eis que surge belo e radiante de sol o 25 de Março de 1884.

Numa demonstração vibrante de entusiasmo, em que todos se sentiam felizes, declarou-se solenemente, naquêlle dia, que não mais haveria escravo na abençoada Terra da Luz.

A repercussão da alvissareira notícia foi estrondosa no Brasil e até no estrangeiro.

José do Patrocínio, o vulto preclaro da Abolição, que se encontrava em Paris, escreveu a Vitor Hugo, comunicando a attitude tomada pelo Ceará e pedindo ao genial poeta uma palavra de animação, um conselho que servisse de encorajamento ao Imperador D. Pedro II, no sentido da abolição total da escravidão no Brasil.

O magnífico exemplo dado pelo Ceará exerceu uma influencia profunda nos espiritos dos poetas da corte, muito concorrendo para o desaparecimento no Brasil de tão degradante e bárbara instituição — a escravidão.

Salve, Terra da Luz! redentora aurora, precursora da liberdade negra no Brasil!

com o vilão. Sim, aí estão as impressões, origem dos recliques. Aí reside todo o perigo de um conto mal concebido ou mal interpretado.

A seleção impõe-se. A fragilidade da alma infantil nunca deve ser ferida por contos acima do seu nível de compreensão. As histórias nunca devem inspirar outros sentimentos que os vasados em pura moral.

As torpes paixões, as incertezas, os embates morais devem ser banidos das narrações, por contraproducentes.

Outrossim, devemos cuidar na sua simplicidade, para que não se estabeleçam dúvidas que acarretariam interpretação errônea.

Um pouco de ambição e exemplos de coragem e abnegação completam a história ideal.

A criança merece maiores cuidados que os dispensados por nós até agora.

E' certo que nem todos podem compreender isto, nem dar aos filhos uma educação psicológica à altura dos conhecimentos atuais.

Qualquer um, porém, pode contar histórias.